

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Edinara Zanatta

**AS TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO MÃE-FILHA COM A  
CHEGADA DE UM BEBÊ: O PONTO DE VISTA DA AVÓ MATERNA**

Santa Maria, RS  
2016

**Edinara Zanatta**

**AS TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO MÃE-FILHA COM A CHEGADA DE UM  
BEBÊ: O PONTO DE VISTA DA AVÓ MATERNA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Dorian Mônica Arpini

Santa Maria, RS.  
2016

Edinara Zanatta

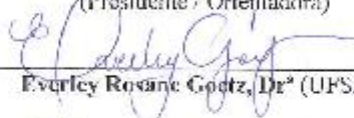
**AS TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO MÃE-FILHA COM A  
CHEGADA DE UM BEBÊ: O PONTO DE VISTA DA AVÓ  
MATERNA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em 29 de janeiro de 2016:



Dorian Mônica Arpini, Dr.<sup>a</sup>  
(Presidente / Orientadora)



Everley Rosane Godtz, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)



Daniela Centenaro Levandowski, Dr.<sup>a</sup> (UFCSPA)

Santa Maria, RS  
2016

## **DEDICATÓRIA**

*À Vó Irene,  
pelas doces lembranças  
proporcionadas durante a construção deste trabalho,  
da minha infância ao seu lado.*

## AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais, pelo apoio, carinho e por todas as oportunidades oferecidas.*

*À Mônica, pelo cuidado e delicadeza com que orientou este trabalho. Agradeço pela amizade construída neste tempo de convivência e por fazer parte da minha trajetória acadêmica e profissional.*

*Ao Fábio, meu irmão, que mesmo longe sempre esteve presente me incentivando e apoiando.*

*Ao Pedro, pela paciência, escuta e incentivo, acompanhando de perto a concretização deste trabalho.*

*À Meiridiane, pela amizade, pelas conversas e incentivos diários. Obrigada por dividir comigo as conquistas e dificuldades nesses dois anos. Sua amizade tornou os dias no mestrado mais leves.*

*À Amanda e à Caroline, pelas conversas, cafés e companheirismo, que certamente contribuíram tornando os momentos difíceis menos angustiantes.*

*À Patrícia Paraboni, pela ajuda nos momentos finais da construção deste trabalho.*

*À Professora Eve, pelo apoio, e ao Cassio Schneider, pela colaboração na produção das imagens que seriam utilizadas nesta dissertação.*

*Ao grupo Neiaf, pelos bons momentos compartilhados, pelas discussões, aprendizados e amizades que juntos construímos.*

*E por fim, e não menos importante, às participantes deste trabalho, sem as quais esta dissertação não existiria.*

*“A arte de ser avós é um aspecto privilegiado da arte de ser pais de filhos adultos, de compartilhar ideias e experiências dentro de uma nova condição de simetria que os filhos adquirem ao se tornarem pais”*  
*(Aratagy & Posternak, 2010, p. 35).*

## RESUMO

### AS TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO MÃE-FILHA COM A CHEGADA DE UM BEBÊ: O PONTO DE VISTA DA AVÓ MATERNA

AUTORA: Edinara Zanatta

ORIENTADORA: Dorian Mônica Arpini

Os avós tem um papel muito importante no contexto familiar, assim como no momento de transição para a parentalidade dos filhos. Partindo deste pressuposto, a pesquisa da qual se origina a presente dissertação teve como objetivo geral investigar a percepção de avós acerca da relação mãe-filha no momento em que suas filhas vivenciavam a maternidade pela primeira vez. Com este intuito, realizou-se um estudo qualitativo com dez avós cujas filhas eram primíparas, com seus bebês na faixa etária entre cinco e 28 meses, e participavam de um Programa de Saúde Materno-Infantil. Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se uma ficha de contextualização, com a qual se obteve informações que contribuíram para compreender a realidade estudada, e uma entrevista semidirigida de questões abertas. Os resultados foram analisados por meio da análise de conteúdo, sendo os mesmos apresentados e discutidos em dois artigos que compõe esta dissertação. No primeiro deles, evidenciam-se as repercussões que a maternidade da filha acarretou para a relação mãe-filha, aproximando-as, e o reconhecimento das avós quanto ao desempenho e a autonomia das filhas como mães. Ainda, salientam-se os sentimentos afetuosos que o nascimento do neto despertou nas avós. No segundo artigo, o qual teve por objetivo investigar as “novas” configurações da imagem e papel das avós na atualidade, assim como apresentar alguns aspectos da relação avó-neto, os resultados apontaram que as avós são relativamente jovens e ativas. As avós relataram ser participativas e disponíveis na interação com os netos, sendo descrita a relação entre eles marcada pela satisfação, afeto e pelo forte vínculo. Além disso, destaca-se o papel de apoio desempenhado pelas avós as suas filhas com o nascimento dos netos. Assim, entre os principais aspectos obtidos pelo estudo, ressalta-se a melhora na relação mãe-filha com a vivência de maternidade desta e a independência e autonomia com que as filhas assumiram a maternidade. Também pôde ser observado o prazer das participantes na vivência de serem avós, em que, para a maioria delas, lhes foi possibilitado ser apenas avós, sem ter que assumir as responsabilidades parentais do neto. Por fim, destaca-se a importância de novos estudos envolvendo esta temática, em diferentes grupos e contextos socioeconômicos. Salienta-se que os achados deste estudo não abarcam a totalidade do fenômeno, assim a realização de novas pesquisas podem indicar diferentes formas de relação envolvendo as avós no contexto familiar.

**Palavras-chave:** Avós. Relações Familiares. Maternidade. Emoções.

## **ABSTRACT**

### **The changes in the relationship between mothers and adult daughters after the birth of a baby: the perspective of maternal grandmothers**

AUTHOR: Edinara Zanatta  
ADVISOR: Dorian Mônica Arpini

Grandparents have a very important role within the family context, as well as when their sons and daughters become parents. Based on this presumption, the research that originates the present dissertation aimed to investigate grandmothers' perceptions about the relationship with their adult daughters at the time when daughters were living their first experiences of maternity. With this objective, we performed a qualitative study with ten grandmothers whose adult daughters were primiparous, with their babies aged between five and 28 months, and that were attending a public health program for mothers and infants. As instruments for data collection we used a form of contextualization, with which important information were obtained to understand the reality studied, and a semi-directed interview of open questions. The results were analysed through content analysis and are presented in the two articles that compose the present dissertation. The first article shows the repercussions of maternity in the relationship between mothers and adult daughters, an event that brings them closer, and grandmothers' recognition of daughters' capability and autonomy as a mothers. Furthermore, it also stresses the feelings of affection that the birth of a grandchild aroused in grandmothers. The second article aimed to investigate the 'new' structures of image and role of grandmothers in present days, as well as present some aspects of the relationship between grandmothers and grandchildren. The results showed that grandmothers are relatively young and active. Grandmothers reported to be participative and available for interaction with their grandchildren and a strong bond and the feelings of satisfaction and affection characterizes the relationship between them. Moreover, we emphasize the supportive role performed by grandmothers after the birth of a grandchild. Thus, among the main aspects obtained by the study, we highlight the improvement in the relationship between mothers and their adult daughters with the maternity experience and the independence and autonomy with which daughters took maternity. It could also be observed the pleasure in the experience of becoming a grandmother. For the majority of the participants, it was possible to be only grandparents, without having to assume parental responsibilities of their grandchildren. Finally, it is important to highlight the importance of further studies concerning this subject, including different groups and socioeconomic contexts. It is important to make clear that the findings of this study do not cover the totality of the phenomenon, so new research may indicate different forms of relationship involving grandmothers in the family context.

**Keywords:** Grandmothers. Family relationships. Maternity. Emotions.



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>7</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
Os significados atribuídos aos avós.....	13
Os papéis desempenhados pelos avós na realidade brasileira.....	15
A relação mãe-filha no contexto da maternidade da filha.....	18
<b>TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....</b>	<b>22</b>
Delineamento.....	22
Contexto da pesquisa.....	22
Procedimento de abordagem e instrumentos.....	23
Procedimento de análise dos dados.....	26
Descrição dos participantes.....	27
Aspectos éticos.....	29
<b>ARTIGO 1.....</b>	<b>30</b>
Resumo.....	31
Abstract.....	32
Introdução.....	33
Método.....	41
Resultados e discussão.....	45
Considerações finais.....	61
Referências.....	63
<b>ARTIGO 2.....</b>	<b>66</b>
Resumo.....	67
Abstract.....	67
Introdução.....	69
Método.....	74
Resultados e discussão.....	77
Considerações finais.....	87
Referências.....	89

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>103</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho compõe a dissertação de mestrado intitulada “As transformações na relação mãe-filha com a chegada de um bebê: o ponto de vista da avó materna.” Como formato de sua apresentação, optou-se pela organização de dois artigos, o que é permitido de acordo com o Manual de Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses (MDT) (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2015). Essa escolha também foi feita observando o objetivo do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria em estimular a publicação da dissertação na modalidade de artigo em periódicos científicos.

Considerando tais pontuações, esta dissertação foi estruturada em seis capítulos. O primeiro traz uma breve introdução que revela a trajetória acadêmica e a motivação da pesquisadora em realizar o estudo. O segundo, por sua vez, aborda os aspectos teóricos envolvidos na temática, o qual inclui aspectos psicológicos, sociais e históricos. No entanto, este estudo tem se apoiado mais especificamente na psicologia e em autores que têm se voltado para a compreensão das relações familiares. Contudo, sabe-se que outras abordagens teóricas também têm dado importantes contribuições a esta temática.

No terceiro capítulo, é apresentada a trajetória metodológica da pesquisa com um maior detalhamento em relação ao trecho dedicado nos artigos. Nos dois seguintes, são apresentados os resultados relativos à pesquisa. O primeiro artigo diz respeito às repercussões que a maternidade da filha acarretou para a relação mãe-filha e o reconhecimento materno quanto ao desempenho da filha como mãe, além de destacar os sentimentos que o nascimento do neto despertou na avó. Já o segundo artigo, tem como ênfase as “novas” configurações da imagem e papel das avós na atualidade, assim como buscou apresentar alguns aspectos da relação avó-neto. Por fim, no último capítulo são apresentadas as considerações finais do estudo de um modo geral.

## INTRODUÇÃO

A fim de entender o interesse da pesquisadora na temática da relação entre mãe e filha, no momento em que a filha vivência sua primeira experiência de maternidade, é necessário fazer um breve resgate da trajetória acadêmica da autora desta dissertação. No ano de 2011, esta ingressou no projeto de extensão intitulado “Intervenções Precoces na Infância: um projeto junto ao Programa da Criança de uma Unidade Básica de Saúde” (ARPINI *et al.*, 2011), que tinha como objetivo realizar o acompanhamento da relação entre crianças de zero a dois anos e suas mães, ou quem desempenhasse a função materna, com o intuito de detectar, encaminhar e tratar possíveis riscos ao desenvolvimento infantil de modo precoce.

No ano seguinte, integrou o projeto de pesquisa “Promoção de saúde a bebês atendidos em uma Unidade de Atenção Básica: o olhar voltado para indicadores de risco clínico ao desenvolvimento infantil” (ARPINI *et al.*, 2012), e foi bolsista de iniciação científica do mesmo. Tal projeto buscou compreender a constituição do vínculo inicial e dos cuidados desenvolvidos por mães acerca da relação mãe-bebê. Assim, o interesse pela temática da maternidade e suas singularidades tornou-se mais intenso com a participação nestes projetos. Isso se deve, em especial, ao contato com as mães que buscavam no Programa da Criança, além de um olhar atento sobre o desenvolvimento de seu bebê, um espaço de acolhimento e escuta em relação à nova fase que estavam vivenciando.

Diante deste interesse pela temática da maternidade, foi realizado um trabalho de conclusão de curso que teve por objetivo compreender os sentimentos que o tornar-se mãe despertou em mulheres que vivenciavam a experiência da maternidade pela primeira vez (ZANATTA; PEREIRA, 2013). Esta pesquisa também foi desenvolvida com mães participantes do já mencionado Programa da Criança. A partir dos achados desse estudo, juntamente com a experiência de participação nos projetos de extensão e pesquisa anteriormente citados, novos questionamentos emergiram a respeito da avó materna, visto ser figura presente na fala das mães, mas com poucos estudos encontrados dedicados a relação entre mãe e filha no contexto de maternidade desta, no cenário nacional.

De acordo com o estudo realizado por Zanatta e Pereira (2013), a ajuda prestada pela mãe à filha, destacou-se como fonte de apoio instrumental e emocional com a chegada do bebê. Além disso, foram as primeiras pessoas do sexo feminino a serem lembradas pelas filhas, sendo elas quem as ajudaram nos cuidados com a criança e no suporte emocional. Assim, entre as mudanças ocorridas com o nascimento do bebê, destaca-se a aproximação na relação entre mãe e filha, apontada pelas participantes. Entretanto, no caso em que havia pouco

contato entre a díade, ficou evidente o sofrimento da filha em não poder contar com o apoio materno, especialmente neste momento de transição que marca a primeira experiência de maternidade.

Além disso, destaca-se a necessidade de considerar as particularidades dessa relação em diferentes contextos, no caso do presente estudo, avós maternas de baixa renda, sendo poucos estudos encontrados dedicados a essa realidade. Com isso, ressalta-se também a importância de pesquisas que se voltem para esse público na possibilidade de ampliar o olhar sobre a relação mãe e filha no contexto da maternidade da filha, visto que a maioria das pesquisas têm como foco a relação entre avós e netos (RUFINO E SILVA *et al.*, 2014; DIAS; HORA; AGUIAR, 2010; MAINETTI; WANDERBROOKE, 2013; ARRAIS *et al.*, 2012).

Ante o exposto, este estudo teve por objetivo investigar a percepção de avós acerca da relação mãe-filha no momento em que suas filhas vivenciavam a maternidade pela primeira vez. É importante considerar que no caso específico de mães primíparas, as expectativas, medos e até mesmo cobranças, podem apresentar-se de forma intensa tornando-se fonte de interesse conhecer a relação que se estabelece entre mãe e filha nesse momento. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa da qual participaram dez avós cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias de um programa de saúde materno-infantil – Programa da Criança, desenvolvido na Unidade Básica de Saúde Kennedy, com seus bebês na faixa etária entre cinco e 28 meses.

No que se refere à escolha pelo local, essa se deve ao percurso da pesquisadora nas atividades dos referidos projetos, desde o ano de 2011, período no qual ingressou como extensionista, após bolsista, permanecendo no projeto de extensão até a data atual enquanto coordenadora das atividades realizadas. Além disso, destaca-se que no Programa da Criança, é desenvolvido o acompanhamento de crianças na faixa etária entre zero, até em média, dois anos, cobrindo o foco deste estudo.

Diante desse período de cinco anos de atividades e pesquisas voltadas à temática da maternidade e das relações familiares, mais especificamente da relação mãe-bebê, mostrou-se relevante conhecer as experiências das avós, sua relação e envolvimento no momento em que as filhas se tornam mães, tendo em vista que são figuras presentes naquele contexto estudado. Assim, com os resultados obtidos neste estudo se poderá pensar em formas de contribuir para o desenvolvimento de atividades para esse público, além de proporcionar mais espaços a elas não apenas nesse local, mas em diversos serviços que atendam esse público de um modo geral.



## REVISÃO DE LITERATURA

### **Os significados atribuídos aos avós**

O nascimento de um neto pode ser vivenciado com sentimentos de satisfação e emoção. É um acontecimento que marca a transição de uma fase para outra no ciclo da vida dos sujeitos. Nessa nova etapa, os avós se deparam com mudanças a serem feitas em diversos âmbitos, sejam elas na estrutura psíquica, com novos papéis a serem desempenhados e uma nova identidade a ser criada, ou no próprio ciclo vital (KIPPER, 2004).

A experiência de ser avós é uma vivência que pode suscitar sentimentos de renovação nos mesmos, cujos netos vêm com a tarefa de preencher o vazio proporcionado pela idade (KIPPER; LOPES, 2006). É poder ser a referência do passado imediato das crianças, onde os pais representam o presente. É no momento em que os avós contam para os netos a sua história que podem lembrar a sua época, o que é importante para o conhecimento da história familiar pela criança, além de serem passados de uma geração para outra: costumes, mitos, modos de falar e interpretar a realidade, em uma relação que pode ser de carinho e cumplicidade (CASTELLON, 2004). Para o autor, a possibilidade de os avós rememorarem a sua história e a história familiar pode estar associada ao estágio da vida que os mesmos estão vivenciando, sendo para alguns a velhice.

No entanto, o modo como tradicionalmente os avós eram vistos passou por mudanças no decorrer do tempo. Aquela imagem de uma pessoa de cabelos brancos, pele enrugada, postura encurvada, sentados na cadeira de balanço contando histórias para os netos foi sendo substituída por outras em que os mesmos ocupam um papel ativo. Atualmente, eles podem ser pessoas que estão nos meados de sua vida, exercendo atividades no mercado de trabalho e, que, portanto, apresentam uma vida ativa tanto profissional como socialmente, investindo nos cuidados em relação à saúde e realizando diversos tipos de atividades (DIAS, 2002). Assim, percebe-se que, nos últimos tempos, a idade em que a pessoa tem se tornado avô ou avó tem sido muito variada: tem se notado avós mais jovens, como também com idades cada vez mais avançadas. Nesse sentido, notam-se as pessoas se tornando avós tanto aos 35 anos quanto aos 70 anos (CARDOSO, 2011).

O século XXI será considerado o século dos avós. De acordo com Aratangy e Posternak (2010), entre os americanos, mais de 50% tornam-se avós com idades entre 49 e 53 anos e passam nessa função de 30 a 40 anos. Na França, com idade em torno dos 65 anos, 80% são avôs, e aproximadamente metade dessa população será bisavó. Já na Inglaterra, por volta dos 54 anos, 50% têm netos. Deste grupo, 25% são os principais responsáveis por cuidar dos

netos em torno de seis horas por dia. Para além das transformações no modo como os avós são vistos ao longo do tempo, a própria função de avô/avó é considerada recente na história, visto que até o século XIX, apenas 3% da população humana ultrapassava os 60 anos.

Além disso, a idade pode ser considerada uma variável importante na interação entre avós e netos. Em uma pesquisa realizada por Araújo e Dias (2002) pela qual se buscou conhecer o tipo de apoio oferecido aos netos pelos avós antes e depois do divórcio dos pais, constatou que os avós com 65 anos ou menos desempenhavam maior número de atividades com os netos, enquanto que no grupo dos que tinham mais de 65 anos, percebe-se uma queda na visitação aos netos. Portanto, é provável que os avós mais novos sintam-se mais dispostos a visitar os netos e desenvolver atividades, sejam elas emocionais ou instrumentais, visto que a condição de saúde destes pode favorecer a interação com os netos.

A partir da década de 80, pôde-se notar o maior interesse nos estudos tendo como foco esses sujeitos tão importantes para o contexto familiar, os avós. Entre os principais motivos que influenciaram esse movimento, destacam-se: o aumento na expectativa de vida na sociedade atual, o que proporciona, por sua vez, o maior contato entre as gerações, levando as pessoas a vivenciarem o papel de avós e até de bisavós; a inserção da mulher no mercado de trabalho, as novas configurações familiares (famílias monoparentais, que são aquelas constituídas por apenas um membro parental cuidador; recasadas, que se configuram por separações e novos casamentos com ou sem filhos oriundos dessas relações e divorciadas/separadas), a gravidez na adolescência, o uso de drogas, morte dos pais, entre outros acontecimentos que levam eles a serem figuras importantes. Nesse sentido, apesar do aumento dos estudos voltados para este público, parece que os avós ainda não ganharam a visibilidade necessária e a devida importância frente à dimensão que representam para a manutenção e suporte das famílias (DIAS, 2002).

Contudo, é inegável a importância que os avós têm para a transmissão dos conhecimentos e a história de uma geração para outra, e o significado que isso tem para os filhos e netos. Desse modo, ser avós é perceber nos netos o prolongamento da sua vida, perpetuando as suas características em um corpo novo. Além disso, ao desempenharem a função de avós, podem se beneficiar da reaproximação com os filhos, a partir da relação com os netos. Por outro lado, essa reaproximação também pode ocorrer a partir da perspectiva dos novos pais, em que esses voltam a se aproximar de seus pais e recuperar o sentimento de pertencimento que pode ter sido enfraquecido com a saída de casa, independência e casamento (CASTELLON, 2004).

Assim, o significado de quem são esses sujeitos, jovens ou velhos, solitários ou não, simpáticos ou carrancudos, destemidos ou amedrontados, está associado à concepção de avós



que cada indivíduo constrói através da interação com os outros e que repercute nas novas definições do modelo familiar para além das relações entre pais e filhos (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001). Desse modo, considerando-se os significados e a importância que os avós possuem para o contexto familiar, a seguir, apresentam-se alguns aspectos dos papéis desempenhados pelos mesmos no cenário nacional.

### **Os papéis desempenhados pelos avós na realidade brasileira**

Diante das diversas formas de organizações familiares, o próprio conceito de família tem se modificado ao longo dos tempos. Frente a isso, a década de 80 pode ser considerada o marco inicial dessas transformações (LOPES; NERI; PARK, 2005). Entre os fatores que contribuíram para as reconfigurações familiares, destacam-se as melhorias nas condições de vida, o que possibilitou o aumento do tempo de vida e, conseqüentemente, a maior convivência entre os membros da família. Resultado disso, o convívio entre as diferentes gerações tem se tornado frequente, especialmente a convivência entre avós e netos, sendo vários os papéis ocupados pelos primeiros (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001).

Sabe-se da importância que os avós possuem na vida dos netos, especialmente no que tange ao desenvolvimento destes. Contudo, a recíproca também é válida, pois os netos têm papel fundamental na vida dos avós e o contato entre as duas gerações é extremamente rico para as pessoas que estão envelhecendo (ARAÚJO; DIAS, 2002).

De acordo com Falcão (2012), os avós tiveram diferentes formas de participação no contexto familiar ao longo das décadas. Com destaque para a realidade brasileira, a década de 60 é marcada pelos avós desempenhando papéis tradicionais, como cuidadores das crianças na ausência dos pais e contadores de histórias. Nas décadas de 70 e 80, a atenção voltou-se para as relações entre as gerações, buscando nos avós os modelos de pais e o suporte para a manutenção da família. De acordo com Lopes, Neri e Park (2005), nos anos 80, foi considerável o aumento de lares com três gerações vivendo juntas: avós, filhos e netos, em que ambos ou pelo menos um dos pais residia com os avós e os netos. Segundo Falcão (2012), nessa época, destacam-se os avós desempenhando papéis de cuidadores, figuras de apoio emocional e financeiro e modelo a ser seguido pelos filhos em decorrência da experiência já vivenciada no papel de progenitores. Nos anos 90, os avós desempenhavam papel especialmente afetivo com os netos e de pouca repreensão, atuando como figuras mediadoras na relação entre pais e filhos e também perpetuadores da história familiar, revivendo a sua infância e a de seus filhos através das histórias e acontecimentos contados.

A década de 2000 é marcada pelos variados papéis exercidos pelos avós. Entre eles, destaca-se e o aumento do número dos avós como chefes de família e responsáveis pelo sustento da mesma. Além disso, muitos exercem o papel de cuidadores dos netos e, muitas vezes, são os responsáveis pela função de criá-los. Por outro lado, notam-se os avós também com funções mais ativas ligadas a investimentos pessoais, inseridos no mercado de trabalho, dedicando-se aos estudos, viagens, investindo nos cuidados com a saúde e na qualidade de vida (FALCÃO, 2012).

Frente às mudanças vivenciadas nos papéis de avós, hoje a imagem que se tem desses personagens sociais é de quem tem muitos recursos a oferecer e a ensinar às famílias. Assim, a geração atual de avós diferencia-se das anteriores por serem mais ativos, economicamente mais estáveis, liberais e saudáveis, o que reflete também no modo de se relacionar com filhos e netos (ARATANGY; POSTERNAK, 2010).

O papel desempenhado pelos avós nas famílias brasileiras tem se mostrado fundamental, principalmente naquelas famílias em que os pais estão inseridos no mercado de trabalho (DESSEN; BRAZ, 2000). Eles podem ser considerados como importante rede de apoio para os familiares proporcionando tanto suporte emocional quanto financeiro para filhos, netos, noras e genros (OLIVEIRA, 2007). Assim, com o evento do casamento e nascimento dos filhos, um novo momento se inicia: a vida adulta. Esse momento pode favorecer a reaproximação dos filhos com os pais na busca de suporte (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001).

Em um estudo realizado por Cupolillo, Da Costa e De Paula (2001) acerca da família de baixa renda goianiense e os elos parentais, destaca-se o papel dos avós no suporte na criação e educação dos netos. A maioria dos avós cuidadores apresentados pelo estudo eram do sexo feminino e exerciam a função materna, seja por ausência da mãe ou por permanecerem a maior parte do dia com a criança, e/ou possui uma co-responsabilidade na educação de seus netos. Dessa forma, “ser avô/avó implica uma dimensão de sujeitos que se constituem historicamente e se co-responsabilizam na construção e no prolongamento da família” (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001; p. 130).

Além de prestarem apoio, os avós também contribuem transmitindo valores, crenças e experiências, acumulados ao longo da sua experiência de vida (DESSEN; BRAZ, 2000). Ao se tornarem avós, esses podem não somente assumir os cuidados indiretos com os netos, mas envolvem-se com seus filhos ensinando-os a serem pais. Não se tornam somente avós, mas continuam sendo pais desses novos pais (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001).

Especialmente quando os netos são pequenos, o cuidado está entre as principais funções desempenhadas pelos avós. À medida que eles crescem, tornam-se confidentes e a quem os netos recorrem para interferir junto aos seus pais (DIAS, 2002). Esse estreitamento de vínculos entre avós e netos, favorece as trocas entre as gerações influenciadas pelo aumento na expectativa de vida dos avós e faz parte das transformações que a sociedade vem passando, em um contexto cada vez mais tecnológico, para as quais os jovens também desempenham um papel significativo ao inserir os avós no contexto atual (CARDOSO, 2011).

Apesar de muitos jovens e adultos buscarem a independência em relação aos progenitores, ainda é considerável a parcela das avós que dedica parte de seu tempo para cuidar dos netos, mesmo que exerçam uma atividade profissional (ARATANGY; POSTERNAK, 2010). Frente a isso, independente da idade em que os avós assumem esse papel, sendo jovens ou idosos, podem ocupar um lugar central ou periférico na família, que é influenciado por questões que envolvem autoridade, hierarquia, tradição e a relação entre as gerações ao longo dos tempos (FALCÃO, 2012).

Por outro lado, apesar dos avós dedicarem parte do seu tempo aos netos, mesmo sem as responsabilidades próprias das funções parentais, eles podem interferir na autonomia dos seus filhos no desempenho da função parental e até mesmo no relacionamento conjugal (OLIVEIRA, 2007). Assim, essas figuras podem influenciar positiva ou negativamente no contexto familiar. Como influência positiva, os avós podem atuar como mediadores dos conflitos entre pais e filhos, no suporte e enfrentamento de situações de crise, ser referência para os netos, além de representar uma continuidade biológica e uma nova chance de atuar de modo diferente, ou melhor, de quando foram pais ou mães. Como influência negativa, podem ser avós omissos, negligentes e/ou abusivos (FALCÃO, 2012).

Assim, os papéis que os avós desempenham no relacionamento com filhos e netos são influenciados pelas transições do ciclo familiar, bem como por situações não previsíveis que possam ocorrer como adoecimento e acidentes, refletindo em todos os membros do grupo familiar e acarretando em novas regras e adaptações no papel que cada sujeito desempenha na família. Além disso, existem fatores que podem influenciar na forma como os avós agem, tais como: a dinâmica e estrutura familiar, estado de saúde, idade, gênero, estado civil, temperamento, crenças, nível socioeconômico, vinculação materna ou paterna, distância geográfica, experiência com os próprios avós, características pessoais de cada sujeito, frequência de contato entre os membros da família e atividades desenvolvidas em conjunto (FALCÃO, 2012).

Além disso, segundo Falcão (2012), a forma como cada avô/avó se percebe nessa função e o significado desse papel em suas vidas irá influenciar no estilo das relações estabelecidas com os seus familiares. Portanto, os vínculos familiares abarcam aspectos multidimensionais e complexos. Alguns desses fatores estão ligados, por exemplo, às experiências das relações vivenciadas no passado e na atualidade, aos estilos de vida e aos acontecimentos vivenciados ao longo do tempo.

Assim, são vários os fatores que podem influenciar no modo como cada sujeito irá desempenhar o papel de avô/avó. Entretanto, o seu envolvimento e a presença como suporte na família, especialmente nos momentos de transição, como é o nascimento de um neto, é fundamental.

Desse modo, considerando as mudanças que os avós vêm passando nas últimas décadas, sejam elas em relação à imagem, forma de interação com filhos e netos e os próprios papéis assumidos no contexto familiar, torna-se interessante conhecer como isso tem ocorrido em relação à figura da avó materna.

### **A relação mãe-filha no contexto da maternidade da filha**

A partir de uma perspectiva histórica, a maternidade, por muito tempo, foi considerada um assunto que dizia respeito somente às mulheres. Cabia a elas dar conta de tudo o que se referia a esse tema, além de prestar os cuidados necessários à mulher no pós-parto. O momento do nascimento de um bebê tornava-se um momento de preparação onde as mulheres da família eram acionadas e se tinha a preocupação de proporcionar todos os cuidados necessários na realização do parto e para o bem-estar da mãe (PROCHWON, 2005).

Até o século XVII, o parto consistia em um momento em que somente as mulheres estavam presentes e era realizado, geralmente, por uma parteira em casa. Após o nascimento do bebê uma mulher mais experiente da família era requisitada para ficar por um determinado período na casa da nova mãe, a fim de auxiliá-la no desempenho do novo papel. Neste momento era comum também a presença da mãe da parturiente, a avó materna. Frente a isso, nota-se que o cenário que compõe a cena de um nascimento era somente feminino (MALDONADO, 1997; PROCHWON, 2005).

No entanto, depois do XVII, a figura do cirurgião começou a surgir, destinado a prestar a assistência ao parto. Com a figura do médico assumindo essa função, aos poucos, a parteira foi perdendo a primazia. Este cenário foi se modificando, deixando de ser assunto somente de mulher e possibilitando espaços para que o homem pudesse participar do envolvimento com a

maternidade. Assim, com o passar do tempo e as novas configurações familiares, eles também passaram a ser uma das principais fontes de apoio e proteção às mulheres no pós-parto (MALDONADO, 1997; PROCHWON, 2005), compartilhando as tarefas e as responsabilidades que envolvem os filhos (GOMES; RESENDE, 2004; CÚNICO; ARPINI, 2013).

Em face dessa realidade, o cuidado com os filhos deixou de ser tarefa exclusiva das mulheres, e com a redefinição dos modelos familiares em que o pai está mais inserido e participativo, isso pode ter refletido também nos papéis desempenhados pelos avós no contexto familiar (CUPOLILLO; DA COSTA; DE PAULA, 2001). Frente a isso, conhecer o papel ocupado pela avó materna no contexto da maternidade da filha e as repercussões que o nascimento do neto pode proporcionar a relação mãe-filha, ainda é assunto que merece um maior investimento, tendo em vista os poucos estudos dedicados a esta temática (DORNELAS; GARCIA, 2006; MARIANO, 2008).

Assim, ao se considerar os momentos de transição familiar, como é o nascimento de um filho, isso implica mudanças na vida de toda a família, em especial na vida da nova mãe, ocasionando adaptações e responsabilidades (OLIVEIRA, 2007; RAPOPORT; PICCININI, 2006). Além disso, novos papéis são vivenciados: o filho torna-se também pai, a filha torna-se também mãe, o pai torna-se também avô, a irmã torna-se tia, e quando há outros filhos, esses se tornam irmãos (OLIVEIRA, 2007).

Ao se considerar a maneira como a mulher irá reagir frente às mudanças dessa nova fase, ela poderá sofrer a influência tanto de fatores individuais, considerando o seu modo de agir, quanto de fatores ambientais. Nesse sentido, o apoio recebido das pessoas próximas é um dos principais elementos relacionados ao seu bem-estar e segurança para desempenhar o papel de mãe (FELICE, 2007; RAPOPORT; PICCININI, 2006).

Assim, o nascimento de um filho exige reorganizações na vida da mãe e da família, em especial quando ela é primípara. Nesse momento, a mãe necessita reorganizar tanto o luto por uma mudança corporal em decorrência da gestação, quanto da própria identidade em que ela, além de ocupar o lugar de filha, esposa e profissional, torna-se, também, mãe (LOPES; PROCHNOW; PICCININI, 2010). Além disso, a maternidade pode trazer profundas mudanças no relacionamento entre mãe e filha, ocorrendo uma redefinição da relação entre ambas (DIAS; LOPES, 2003).

Nesse sentido, com a chegada do bebê, a nova mãe tende a repensar e a reavaliar a imagem que possui de sua mãe, levando em consideração a mãe para ela quando criança, a mãe como esposa, como mulher e como avó do novo bebê. Desse modo, o principal

envolvimento psicológico da mãe ocorre com as figuras maternas de sua vida, que irão influenciá-la, consciente ou inconscientemente, tanto em relação ao suporte emocional quanto ao apoio necessário neste momento (STERN, 1997).

As relações estabelecidas pela mulher com sua mãe são as responsáveis por fornecer os modelos internos de maternidade e configura-se como imprescindível para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Nesse sentido, à medida que a identidade é construída, ela também interfere e modela o relacionamento entre mãe e filha (DORNELAS; GARCIA, 2006). Tanto modelos positivos que representam a maternidade como uma vivência gratificante e feliz, quanto modelos negativos, que a remetem a uma experiência dolorosa e frustrante, poderão ser assimiladas pela mulher desde a sua infância. É a partir desses modelos que a mãe tende a se identificar ao desempenhar o seu papel materno (FELICE, 2007). No entanto, em um determinado momento, a menina necessita se distinguir da sua mãe e apropriar-se daquela identificação como sua e, assim, construir o seu ser mulher (ZALCBERG, 2003).

Nesse contexto, a infância da mulher marca o momento em que as bases para a construção da sua identidade feminina são alicerçadas, desenvolvendo um modelo de mãe para si a partir da vivência com sua mãe, podendo futuramente espelhar-se nesse modelo para interagir com seus filhos (LOPES; PROCHNOW; PICCININI, 2010). Assim, o modelo de representação do papel materno é passado de mãe para filha, através do vínculo que ela irá desenvolver com o seu bebê. Isso marca o efeito intergeracional dos modelos de representação e da forma de se ligar afetivamente aos filhos, perpassando os laços de uma geração a outra (FELICE, 2007).

Partindo-se do pressuposto de que é na identificação com a mãe que as filhas se constituem enquanto mulheres e mães, por outro lado, as mães também buscam nas filhas uma identificação projetando seus sentimentos em busca de realização. Dessa forma, a aproximação entre mãe e filha contribui para ambas conhecerem os seus papéis sociais e a própria feminilidade (DORNELAS; GARCIA, 2006).

Segundo as autoras, alguns eventos na vida da mulher podem influenciar na forma como a relação mãe-filha irá se estabelecer. O casamento e o nascimento dos filhos podem contribuir para que a relação entre elas seja fortalecida, com a aproximação, ou pode gerar um afastamento entre mãe e filha (DORNELAS; GARCIA, 2006). Assim, quando os filhos tornarem-se pais isso pode contribuir para que os seus próprios pais possam ser como avós, melhores do que foram como pais. Ao vivenciarem o “ser” avós, sem todas as responsabilidades de quando foram pais, podem deixar transparecer o que há de melhor neles, e conseqüentemente, isso irá refletir na qualidade da relação estabelecida com seus filhos

(KIPPER, 2004). Desse modo, “a arte de ser avós é um aspecto privilegiado da arte de ser pais de filhos adultos, de compartilhar ideias e experiências dentro de uma nova condição de simetria que os filhos atingem ao se tornarem pais” (ARATANGY; POSTERNAK, 2010, p. 35).

Nesse sentido, apesar dos vários papéis que a mulher pode desempenhar na vida adulta, o casamento e a maternidade são os dois acontecimentos mais significativos quando se pensa na relação entre mãe e filha, pois nesses episódios pode haver a ampliação da rede social com novos papéis a serem desempenhados, como o de avó. Esses fatos marcam a constante transformação a que está suscetível essa relação (DORNELAS; GARCIA, 2006).

Diante disso, em um estudo realizado por Rapoport e Piccinini (2006), que tinha por objetivo apresentar uma revisão dos estudos teóricos e empíricos que relacionavam apoio social e maternidade, destacou-se o papel da avó materna como a principal fonte de apoio social à filha, ao lado do marido desta, principalmente durante o primeiro ano de vida do bebê. Este suporte prestado pela avó materna também pôde ser observado no estudo realizado por Zanatta e Pereira (2013), que tinha por objetivo conhecer os sentimentos que o tornar-se mãe despertou em mulheres que vivenciavam a maternidade pela primeira vez e a rede de apoio presente neste momento.

Assim, o suporte recebido pela mãe, em especial, no primeiro ano de vida do bebê, ganha maior relevância visto ser o momento em que novas estratégias serão necessárias para lidar com as tarefas de desenvolvimento, com a adaptação à chegada do novo integrante e com o surgimento de novas habilidades para administrar as necessidades emergentes desse novo sistema familiar (DESSEN; BRAZ, 2000). Desse modo, o apoio da avó materna se destaca no sentido desta prestar a mãe um suporte tanto emocional quanto prático e informativo acerca dessa nova fase de sua vida (STERN, 1997; RAPOPORT; PICCININI, 2006). Além disso, a mãe pode representar para a filha alguém mais experiente e que contribui para a aprendizagem dos progenitores, deixando-os mais seguros e confiantes ao desempenharem seus papéis (LOPES; PROCHNOW; PICCININI, 2010).

## TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

### **Delineamento**

Buscando-se atingir os objetivos propostos com o estudo, realizou-se uma pesquisa qualitativa que buscou investigar a percepção de avós acerca da relação mãe-filha no momento em que suas filhas vivenciavam a maternidade pela primeira vez. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve essa temática, a qual pode ser melhor explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (MINAYO, 2013).

De acordo com Gomes (2012), o objetivo da pesquisa qualitativa é a exploração de opiniões e representações sociais sobre a temática que se busca investigar. Nesse sentido, essa abordagem não visa quantificar o fato, mas analisá-lo a partir da perspectiva das pessoas que estão envolvidas no fenômeno (GODOY, 1995; MINAYO, 2013). Conforme salienta Minayo (2013), uma das possibilidades de uso desta modalidade de pesquisa é buscar compreender as relações que se estabelecem. Diante disso, é notável a contribuição que o estudo qualitativo pode trazer à investigação que pretende analisar as relações familiares, mais especificamente a relação mãe-filha, considerando este estudo.

Ainda, pode-se definir esse estudo como uma pesquisa social, uma vez que, conforme pontua Minayo (2013), esse tipo de investigação trata do ser humano e suas relações. Nesse sentido, entende-se que o conhecimento aqui produzido é aproximado e não pode ser generalizado tendo em vista que o mesmo se refere a aspectos da relação mãe-filha no contexto atual.

### **Contexto da Pesquisa**

A instituição onde o estudo foi realizado, denominada Unidade Sanitária Kennedy, está localizada na região norte do município de Santa Maria/RS, na região central do Rio Grande do Sul, atendendo uma população de aproximadamente 30.000 mil habitantes. Esta Unidade Básica de Saúde tem suas ações voltadas para a Atenção Básica, contando com o atendimento de profissionais de diversas áreas, entre eles: dois médicos pediatras, três médicos ginecologistas, três médicos clínicos gerais, cinco técnicos em enfermagem, dois enfermeiros, dez agentes comunitários de saúde e um gerente administrativo.

Destaca-se que na referida unidade, além dos atendimentos previstos para a atenção básica são oferecidos à população outros programas que visam à promoção e à prevenção em saúde. Entre os programas presentes destacam-se a Saúde da Mulher, o Programa da Criança



e atuação dos Agentes Comunitários de Saúde, com as atividades desenvolvidas nos turnos da manhã e tarde.

Além disso, salienta-se o convênio existente entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Unidade Básica de Saúde foco deste estudo. Existe há 13 anos um vínculo entre o Departamento de Psicologia da UFSM e o referido local, sendo realizado inicialmente através de estágio curricular do curso de Psicologia, e, posteriormente, com a realização de projetos de extensão e pesquisa. Desde 2011, o Programa da Criança desenvolve juntamente com o Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria projetos de extensão e pesquisa (ARPINI *et al.*, 2011; ARPINI *et al.*, 2012). Esses projetos se desenvolvem em parceria com a coordenação do local, sendo as atividades realizadas por uma equipe multiprofissional que atua de forma interdisciplinar incluindo as áreas de enfermagem e psicologia. Isso certamente marca uma trajetória de proximidade entre as duas instituições, avaliada como positiva tanto para a Universidade como para o local.

No que concerne à atuação da psicologia no Programa da Criança, esta é realizada por alunos de graduação e pós-graduação, os quais acompanham a consulta de puericultura realizada pela equipe de enfermagem, atentos à relação mãe-bebê. Os projetos, ao longo dos anos, têm demonstrado resultados satisfatórios, constituindo-se, portanto, em uma estratégia de detecção precoce de riscos ao desenvolvimento infantil, prevenção de doenças e promoção de saúde. Assim, tem-se promovido, como fim maior, a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população-alvo do projeto, a saber, os pais (aqui entendido aqueles que exercem as funções parentais) e sua criança (ARPINI; ZANATTA; MARCHESAN; SAVEGNAGO; BERNARDI, 2015).

### **Procedimentos de abordagem e instrumentos**

No momento da construção do projeto da referida pesquisa foi realizado o contato com a Secretaria Municipal de Saúde para apresentação do mesmo e solicitação do Termo de Autorização Institucional (ANEXO A), junto ao representante do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPS). Salienta-se que o NEPS é o responsável pelas autorizações de pesquisa nos serviços da área da saúde, que são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria/RS, entre eles a Unidade Básica de Saúde Kennedy. Após a aceitação e emissão da Autorização Institucional pelo NEPS, o projeto foi anexado para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, tendo sido aprovado com o Número CAAE

37519914.8.0000.5346 e foi qualificado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

Nesse primeiro momento, a pesquisadora entrou em contato com a professora de Enfermagem vinculada a UFSM, responsável pelo Programa da Criança, com a finalidade de solicitar o consentimento para buscar nos prontuários das crianças atendidas no Programa os telefones das mães primíparas, e a partir da ligação para estas, apresentar a proposta da pesquisa e solicitar o contato de suas mães (avós dos bebês) – as participantes deste estudo.

No decorrer desse tempo foram realizadas, pela pesquisadora, diversas idas ao Programa da Criança para buscar, através da leitura dos prontuários da Enfermagem, as mães primíparas e a partir delas acessar as suas mães. Desta busca resultaram 25 contatos. Assim, no início de março de 2015, iniciou-se os contatos telefônicos com as mães primíparas explicando a proposta da pesquisa e analisando a viabilidade de suas mães participarem, já que nos prontuários não constava os dados dos avós. No entanto, ao entrar em contato com elas e solicitar o contato de suas mães, quatro filhas optaram por não repassar o contato telefônico de suas mães, duas tinham suas mães que residiam em outra cidade, duas as mães haviam falecido e outros sete contatos não completavam a ligação. Desse modo, foi possível acessar dez avós, que foram as participantes do estudo.

Com os contatos das participantes, foi realizado um telefonema para as mesmas e no momento em que os convites eram aceitos, as entrevistas eram agendadas. As entrevistas se deram em função da disponibilidade das participantes, sendo oito entrevistas realizadas na própria sala do Programa da Criança, a qual é adequada para a realização deste procedimento e duas realizadas no domicílio das participantes, tendo em vista a incompatibilidade de horários para elas se deslocarem até a Unidade de Saúde, em função de seus empregos.

Para a realização da coleta dos dados foram utilizados como instrumentos uma ficha de contextualização (Apêndice A) e uma entrevista semidirigida de questões abertas (Apêndice B). No que tange à entrevista semidirigida, esta consiste em um instrumento flexível que permite tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado darem a direção da conversa e não delimitando o discurso a respostas pré-estabelecidas. Nesse sentido, a entrevista semidirigida permite uma flexibilidade na direção da entrevista, ora dada pelo entrevistador ora pelo entrevistado, facilitando a coleta de informações baseada no discurso livre do entrevistado, através da introdução de tópicos guia pelo entrevistador, que norteará para questões mais específicas. É importante salientar que a entrevista semidirigida é também flexível no que diz respeito à possibilidade de que sejam realizados questionamentos, no decorrer da entrevista, não previstos anteriormente (TURATO, 2003). Frente a isso, destacam-se os seguintes tópicos

guia que nortearam a entrevista: a) Relação mãe-filha; b) Mudanças na relação mãe-filha com o evento da maternidade da filha; c) Papéis desempenhados pela avó no contexto da primeira experiência de maternidade da filha.

Inicialmente, com cada participante, foi preenchida a ficha de contextualização, com a qual se obteve informações que contribuiriam para contextualizar a realidade estudada, tais como idade, ocupação, estado civil, número filhos e de netos, idade da filha primípara e do filho desta. Antes de iniciar a entrevista foi realizado o *rappport*, no qual foi explicado os objetivos da pesquisa e como a mesma seria realizada e a posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), pelas participantes, perante o aceite como o exposto no termo. Somente após a realização destes procedimentos, deu-se início a entrevista, sendo a mesma gravada e transcrita na íntegra pela pesquisadora.

Ressalta-se, ainda, como estratégia complementar para a coleta de dados, este estudo previa a realização da técnica de grupos focais, compreendida também como uma forma de entrevista grupal semiestruturada, característica da pesquisa qualitativa (GASKELL, 2005; JOVCHELOVITCH, 2000). Para os grupos focais, se pretendia utilizar imagens de cenas familiares e que representassem o envolvimento familiar com a maternidade, com o objetivo de estimular as discussões e o compartilhamento de opiniões entre as participantes, além de conhecer os significados atribuídos às imagens pelas participantes do estudo (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). A definição das imagens a serem utilizadas no grupo se deu após a análise das entrevistas a partir de um conjunto de fotos que foram tiradas por um fotógrafo colaborador, com a autorização dos participantes. As mesmas foram feitas em um contexto familiar semelhante ao retratado pelo estudo.

Entretanto, os grupos focais não aconteceram, tendo em vista o não comparecimento das participantes. A pesquisadora realizou três tentativas em horários diferenciados, no início, meio e final da tarde, a fim de contemplar as participantes que trabalham, para que elas pudessem comparecer. Contudo, na segunda e na terceira tentativa apenas uma participante compareceu inviabilizando a realização do mesmo. Dessa forma, na terceira tentativa, com a sala devidamente preparada e com o material fotográfico que seria utilizado, a pesquisadora compartilhou com a participante que se fez presente a proposta que havia sido planejada. Conversando de uma forma aberta sobre as fotos e a temática, destaca-se, ainda que esta participante mostrou-se disponível para contribuir para o estudo.

Neste momento, avaliou-se a viabilidade de realização de novas tentativas considerando o risco que um novo agendamento com a presença de apenas uma participante. Contudo, entende-se que a qualidade do material obtido através das entrevistas, possibilitou importantes

contribuições aos resultados do estudo, o que reduziu o impacto da não realização dos grupos focais. Entende-se que a não participação nos grupos deu-se por diferentes razões, tais como: horário de trabalho, múltiplos afazeres, distância da residência a Unidade e eventuais problemas de saúde.

É importante ressaltar que nas entrevistas as participantes demonstraram ter acolhido a proposta, manifestando-se de forma espontânea, expressando sentimentos e uma riqueza de detalhes do cotidiano. As entrevistas foram longas e caracterizaram-se por ser um momento prazeroso para a pesquisadora e possivelmente para as participantes, que ao final das entrevistas, relataram ter se sentido bem em poder compartilhar suas vivências familiares.

### **Procedimento de Análise dos dados**

A análise dos dados deu-se através da técnica da análise de conteúdo. De acordo com Gomes (2012), as etapas para a realização desta análise compreendem os eixos: leitura, exploração do material e síntese interpretativa. Assim, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais de análise. No segundo momento, foi feita a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, realizou-se a relação entre os temas classificados com os objetivos e pressupostos da pesquisa.

Nesse momento inicial, no qual foi feita a leitura exaustiva do material individual de cada entrevista e, posteriormente, em conjunto, foram buscados os núcleos de sentido. Conforme enfatizado por Bardin (2010), para que os núcleos sejam encontrados é necessário que o texto das entrevistas seja analisado a partir do referencial teórico que abarca a temática. Assim, para que fosse possível essa categorização, relacionou-se o material obtido pelas entrevistas com os pressupostos teóricos obtidos em momento anterior. A partir dessa análise surgiram dois grandes eixos que nortearam a posterior categorização do material, a saber: (1) a relação mãe-filha no contexto da primeira experiência de maternidade da filha; (2) a avó materna: imagem, papel e a relação avó-neto. Posteriormente, surgiram as categorias, as quais podem ser observadas nas figuras a seguir, que representam cada um dos artigos organizados.

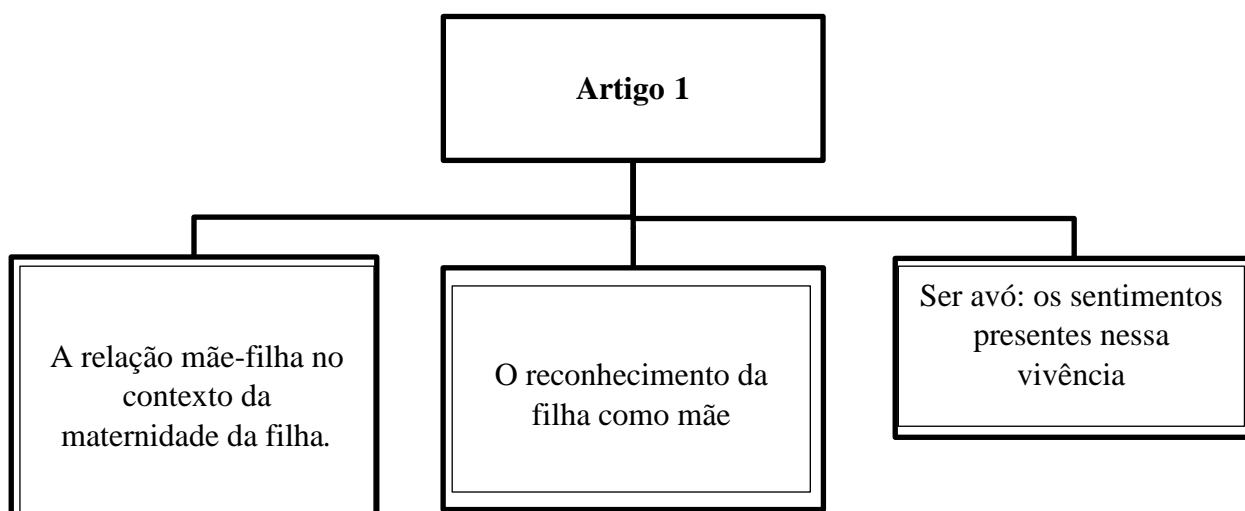


Figura 1 – Organograma das categorias presentes do Artigo 1, o qual contempla o Eixo 1.

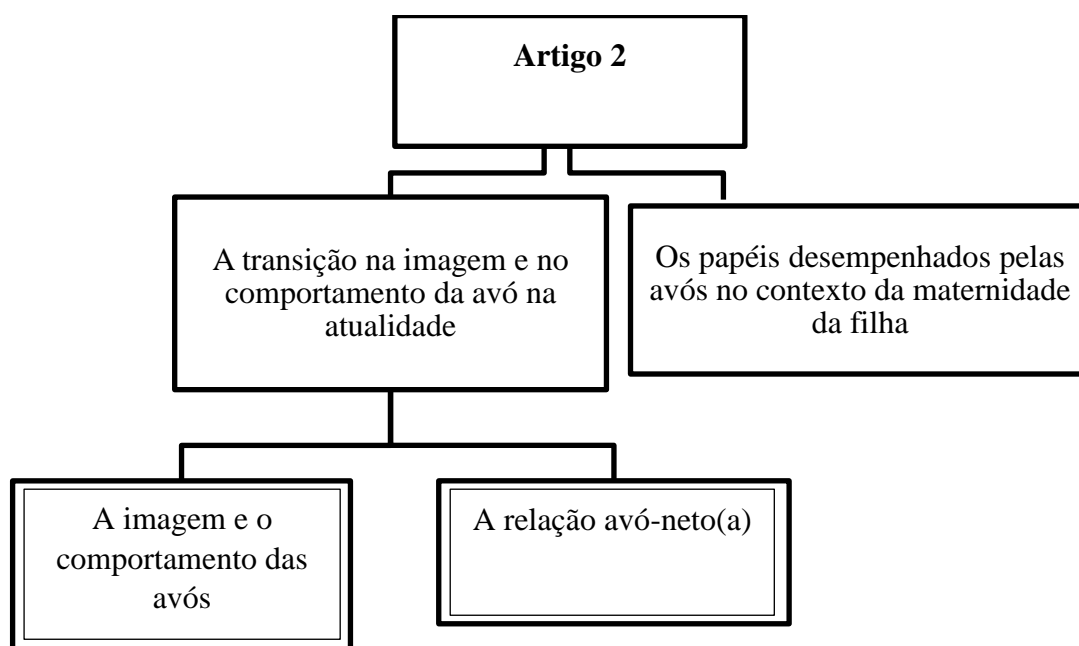


Figura 2 – Organograma das categorias presentes do Artigo 2, o qual contempla o Eixo 2.

### Descrição dos participantes

Este estudo contou com a participação de 10 avós (P, para designar participantes) cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias do Programa da Criança da Unidade Básica de Saúde Kennedy, com seus bebês na faixa etária entre cinco e 28 meses. Escolheu-se esse programa em específico tendo em vista que no mesmo se desenvolve um trabalho de atendimento a crianças desde o nascimento até, em média, o segundo ano de vida, cobrindo o período foco do estudo. Dessa forma, através do

contato das mães primíparas que levavam seus bebês às consultas foi possível acessar as participantes deste estudo, as avós maternas.

As 10 participantes deste estudo tinham idades entre 33 e 62 anos na época da entrevista. Em relação ao estado civil, cinco disseram ser casadas, uma viúva, duas divorciadas e duas vivendo em união estável com seus companheiros. As ocupações das participantes variaram, sendo três donas de casa, três domésticas, uma esteticista, uma cozinheira, uma era magarefe e uma secretária aposentada. Em relação ao número de filhos este também variou, sendo que quatro participantes tinham quatro filhos, três tinham três filhos, uma tinha seis filhos, uma participante tinha sete e uma tinha dois filhos. Em relação à idade das filhas primíparas, três tinham 18 anos, duas 31 anos e as demais, 19, 20, 25, 29 e 36 anos. O número de netos das participantes variou entre um e oito netos. E, por fim, a idade dos netos, filhos das filhas primíparas, variou entre cinco e 28 meses, sendo que dois tinham sete meses, dois tinham 12 meses e os demais, cinco, oito, nove, 14, 24 e 28 meses. Ainda, salienta-se que a avó e sua filha primípara residiam na mesma cidade, no entanto algumas residiam em bairros diferentes.

De forma sintetizada, na tabela a seguir podem ser visualizados alguns dados sociodemográficos das participantes.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos das participantes

	<b>Idade part.</b>	<b>Profissão</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Idade filha</b>	<b>Idade neto</b>
<b>P1</b>	54	Dona de casa	Casada	36	8 meses
<b>P2</b>	62	Aposentada	Viúva	31	28 meses
<b>P3</b>	48	Doméstica	Divorciada	31	12 meses
<b>P4</b>	43	Doméstica	Casada	25	7 meses
<b>P5</b>	53	Doméstica	Casada	18	9 meses
<b>P6</b>	33	Cozinheira	União Estável	18	24 meses
<b>P7</b>	43	Esteticista	Divorciada	20	12 meses
<b>P8</b>	34	Magarefe	União estável	18	7 meses
<b>P9</b>	45	Dona de casa	Casada	19	14 meses
<b>P10</b>	52	Dona de Casa	Casada	29	5 meses

### **Aspectos Éticos**

No decorrer do desenvolvimento deste estudo foram respaldadas as Diretrizes e Normas Regulamentadoras envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), como também na Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, tendo sido orientada pelos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Além disso, conforme já mencionado, o estudo foi aprovado pelo comitê de ética sob o número CAAE 37519914.8.0000.5346.

Destaca-se que, em função do estudo ter sido realizado em uma Unidade Básica de Saúde e, mais especificamente, em um Programa de Saúde Materno-Infantil, foi deixado claro para todas as convidadas que, caso não aceitassem, não haveria qualquer tipo de prejuízo nem a elas e nem a seus netos, tanto nos atendimentos realizados pelo Programa da Criança quanto aos atendimentos realizados na própria Unidade Básica de Saúde. Essa informação foi dada desde o primeiro contato com elas, conjuntamente com a explicação do que se tratava a pesquisa.

Antes do início da entrevista, novamente foram apontados os objetivos do estudo e a responsabilidade da pesquisadora quanto ao sigilo acerca da identidade das participantes. Nesse aspecto, destaca-se que todos os nomes apresentados neste estudo são fictícios com a finalidade de preservar a identidade de todos os indivíduos citados no decorrer do mesmo. Também, deixou-se clara a possibilidade de desistência, aspecto que foi levantado desde o momento em que a pesquisa foi apresentada e também no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se referia, em linguagem clara e compreensível, às informações e esclarecimentos dos objetivos e procedimentos do estudo.

Pretende-se, após a defesa dessa dissertação, realizar a devolução dos resultados às participantes do estudo por meio de um encontro agendado com todas as mães que integraram a pesquisa. Além disso, também serão disponibilizados ao local os resultados alcançados e possíveis propostas de intervenção com esse público.

## **ARTIGO 1**

# **A PERCEPÇÃO DA AVÓ MATERNA FRENTE À PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE MATERNIDADE DA FILHA**



## **A percepção da avó materna frente à primeira experiência de maternidade da filha**

### **RESUMO**

O nascimento de um filho é um acontecimento que implica reorganizações, tanto na vida da nova mãe quanto na vida familiar, e que pode mobilizar muitas emoções. Diante desse acontecimento, o sentimento de completude que surge ao tornar-se mãe e pai também pode ser um sentimento intenso vivenciado pelos avós. O presente estudo teve como objetivo investigar a relação das avós com suas filhas no momento em que a filha está vivenciando sua primeira experiência de maternidade. Participaram deste estudo 10 avós (P) cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias de um Programa de Saúde Materno-Infantil. Os resultados foram obtidos através da análise de conteúdo sendo apresentados em três categorias: A relação mãe-filha no contexto da maternidade da filha; O reconhecimento da filha como mãe; Ser avó: os sentimentos presentes nessa vivência. Destaca-se que o nascimento do neto foi vivenciado pelas avós como um evento que contribuiu para a melhora na relação mãe-filha e para a reaproximação entre elas. Além disso, ressalta-se o reconhecimento das avós acerca do desempenho e autonomia das filhas na maternidade. Por fim, ser avó foi descrito pelas participantes como uma vivência repleta de sentimentos alegres e de satisfação, sinalizando positivamente essa experiência.

**Palavras-chave:** Avó; Maternidade; Relações familiares; Emoções.

## **The maternal grandmother's perception in relation to the first maternity experience of an adult daughter**

### **ABSTRACT**

The birth of a child is an event that involves rearrangements in the mother's life and in the family as a whole. This event can evoke many emotions. In view of this circumstance, after the child's birth grandparents can share the feeling of fulfilment experienced by mothers and fathers. The present study's objective is to investigate the relationship between grandmothers and their adult daughters when the daughters are living their first maternity experiences. The study's participants are ten grandmothers (P) whose adult daughters were living their first maternity experiences and were attending a public health program for mothers and infants. The results were obtained through content analysis and are presented in three categories: The relationship between a mother and her adult daughter in the context of the daughter's maternity experience; The daughter being recognized as mother; Being a grandmother: feelings involved in this experience. We highlight that grandmothers lived the birth of a grandchild as an event that contributed to the reconciliation and improvement in the relationship with their daughters. Furthermore, we emphasize the recognition from grandmothers of the daughters' performance and autonomy during maternity. Finally, the participants described the experience of becoming a grandmother as a very positive one, filled with feelings of joy and satisfaction.

**Keywords:** Grandmother; Maternity; Family relationships; Emotions.

## Introdução

Os avós tem um papel muito importante no contexto familiar. Eles podem funcionar como elos entre as gerações, transmitindo valores e tradições, ser o exemplo para os filhos e netos e, podem, ainda, desempenhar o papel de cuidadores e serem os apoiadores em momentos de crise (Rabelo & Neri, 2014). São também importantes agentes de socialização das crianças, após os pais (Oliveira, Gomes, Tavares & Cárdenas, 2009). Considerando-se a importância destes personagens para as relações familiares, especialmente nos momentos de transição, como é maternidade, este estudo terá como ênfase a relação mãe-filha a partir do nascimento do neto e o sentimento relacionado a vivência de ser avó.

As avós têm papel importante no que diz respeito ao momento de transição para a parentalidade dos filhos, especialmente quando diz respeito à maternidade da filha. Assim, o sentimento de completude que surge ao tornar-se mãe e pai também pode ser um sentimento intenso vivenciado pelos avós (Barros, 1987). Ao se considerar as relações familiares e as mudanças pelas quais os indivíduos passam decorrentes do próprio ciclo vital, destaca-se o relacionamento entre pais e filhos que representa uma área da pesquisa recente e com poucos estudos dedicados a essa temática no cenário nacional (Silva, & Salomão, 2003; Dornelas, & Garcia, 2006). Frente a isso, torna-se um assunto interessante conhecer melhor a participação e a relação dos avós no momento em que os filhos se tornam pais (Oliveira, 2007).

O nascimento de um filho é um acontecimento que implica mudanças na vida de toda a família, em especial na vida da nova mãe, ocasionando adaptações e responsabilidades (Oliveira, 2007; Rapoport, & Piccinini, 2006). Além disso, novos papéis são vivenciados: o filho torna-se também pai, o pai torna-se também avô, a irmã torna-se tia, e quando há outros filhos, esses se tornam irmãos (Oliveira, 2007; Carter, & Mcgoldrick, 1995). Nesse sentido, a gestação marca um momento singular na vida da mulher, pois pode trazer à tona ansiedades, dúvidas, expectativas e reavivar conflitos conscientes e inconscientes (Magalhães, 2008).

Ao se considerar a maneira como a mulher irá reagir frente às mudanças dessa nova fase, ela poderá sofrer a influência tanto de fatores individuais, considerando o seu modo de agir, quanto de fatores ambientais (Felice, 2007). A sua história de vida, as relações familiares e o relacionamento com o seu companheiro são aspectos relevantes que contribuirão no modo como ela irá vivenciar a maternidade (Magalhães, 2008). Assim, entre os principais elementos para o seu bem-estar e segurança para desempenhar o papel de mãe, destaca-se o suporte recebido das pessoas próximas (Felice, 2007; Rapoport, & Piccinini, 2006).

O momento do nascimento sempre exige reorganizações na vida da mãe e da família, em especial quando a mulher é primípara. Nesse momento, a mãe necessita reorganizar tanto o luto por uma mudança corporal em decorrência da gestação, quanto da própria identidade em que ela, além de ocupar o lugar de filha, esposa e profissional, torna-se, também, mãe (Lopes, Prochnow, & Piccinini, 2010). Além disso, a maternidade pode trazer profundas mudanças no relacionamento entre mãe e filha, ocorrendo uma redefinição da relação entre ambas (Dias, & Lopes, 2003).

Nesse sentido, com a chegada do bebê, a nova mãe tende a repensar e a reavaliar a imagem que possui de sua mãe, agora avó, levando em consideração a mãe para ela quando criança, a mãe como esposa, como mulher e como avó do novo bebê. Desse modo, o principal envolvimento psicológico da mãe ocorre com as figuras maternas de sua vida, que irão influenciá-la, consciente ou inconscientemente, tanto em relação ao suporte emocional quanto ao apoio necessário neste momento (Stern, 1997).

As relações estabelecidas pela mulher com sua mãe são as responsáveis por fornecer os modelos internos de maternidade e são importantes para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Nesse sentido, à medida que a identidade é construída, ela também interfere e modela o relacionamento entre mãe e filha (Dornelas, & Garcia, 2006). Tanto modelos positivos que representam a maternidade como uma vivência gratificante e feliz,

quanto modelos negativos, que a remetem a uma experiência dolorosa e frustrante, poderão ser assimiladas pela mulher desde a sua infância. A partir desses modelos a mãe tende a se identificar ao desempenhar o seu papel materno (Felice, 2007). No entanto, em um determinado momento, a menina necessita se distinguir da sua mãe e apropriar-se daquela identificação como sua e, assim, construir o seu ser mulher (Zalberg, 2003).

Nesse contexto, a infância da mulher marca o momento em que as bases para a construção da sua identidade feminina são alicerçadas, desenvolvendo um modelo de mãe para si a partir da vivência com sua mãe, podendo futuramente espelhar-se nesse modelo para interagir com seus filhos (Lopes, Prochnow, & Piccinini, 2010). Assim, o modelo de representação do papel materno é passado de mãe para filha, através do vínculo que ela irá desenvolver com o seu bebê. Isso marca o efeito intergeracional dos modelos de representação e da forma de se ligar afetivamente aos filhos, perpassando os laços de uma geração a outra (Felice, 2007). Desse modo, os vínculos emocionais desenvolvidos no contexto familiar são importantes para propiciar ao indivíduo um contexto favorável ao crescimento, ao desenvolvimento, a segurança e a autonomia (Rabelo, & Neri, 2014).

Partindo-se do pressuposto de que é na identificação com a mãe que as filhas se constituem enquanto mulheres e mães, por outro lado, as mães também buscam nas filhas uma identificação projetando seus sentimentos em busca de realização. Dessa forma, a aproximação entre mãe e filha contribui para ambas conhecerem seus papéis sociais e a própria feminilidade (Dornelas, & Garcia, 2006), além de proporcionar um sentimento positivo para a relação (Oliveira, 2007).

A proximidade emocional nas relações visa assegurar a continuidade, a confiabilidade, e a estabilidade nos relacionamentos, mesmo quando há instabilidades. Assim, ela está associada ao apego e à preocupação com as necessidades dos outros (Rabelo, & Neri, 2014).

Neste âmbito Dornelas e Garcia (2006), destacam que alguns eventos na vida da mulher podem influenciar na forma como a relação mãe e filha irá se estabelecer. O casamento e o nascimento dos filhos podem contribuir para que a relação entre elas seja fortalecida, contribuindo para a aproximação. Segundo Kipper (2004), o nascimento dos filhos também pode gerar um afastamento, tendo em vista que nem todas as mães e filhas conseguem aproveitar a chegada de uma nova geração para se reconciliarem.

Assim, quando os filhos tornarem-se pais isso pode contribuir para que os seus próprios pais possam ser como avós, melhores do que foram como pais. Ao vivenciarem o ser avós, sem todas as responsabilidades de quando foram pais, isso pode deixar transparecer o que há de melhor neles, e conseqüentemente, isso irá refletir na qualidade da relação estabelecida com seus filhos (Kipper, 2004). Desse modo, ser avós é um aspecto privilegiado em que possibilita que pais e filhos compartilhem ideias e experiências dentro de uma nova condição de simetria que os filhos atingem ao se tornarem pais (Aratangy, & Posternak, 2010).

Nesse sentido, apesar dos vários papéis que a mulher pode desempenhar na vida adulta, casar e se tornar mãe são acontecimentos muito significativos quando se pensa na relação entre mãe e filha, pois nesses episódios pode haver a ampliação da rede social com novos papéis a serem desempenhados. Esses fatos marcam a constante transformação a que está suscetível essa relação (Dornelas, & Garcia, 2006). Isso pôde ser observado no estudo de Lopes *et al.*, (2010), em que a maternidade da filha possibilitou a reaproximação entre ela e sua mãe. Este estudo buscou conhecer a relação de mães primíparas adultas com suas figuras femininas de apoio no terceiro mês de vida do bebê.

Em um estudo realizado por Rapoport e Piccinini (2006), que tinha por objetivo apresentar uma revisão dos estudos teóricos e empíricos que relacionavam apoio social e maternidade, destacou-se a avó materna como a principal fonte de apoio social à filha, ao lado do marido desta, principalmente durante o primeiro ano de vida do bebê. Este suporte

prestado pela avó materna também pode ser visualizado no estudo realizado por Zanatta e Pereira (2013) que buscou conhecer os sentimentos que o tornar-se mãe despertou em mulheres que vivenciavam a maternidade pela primeira vez, além de investigar a rede de apoio presente neste momento.

Assim, o suporte recebido pela mãe, em especial, no primeiro ano de vida do bebê, ganha maior relevância visto ser o momento em que novas estratégias serão necessárias para lidar com as tarefas de desenvolvimento, com a adaptação à chegada do novo integrante e com o surgimento de novas habilidades para administrar as necessidades emergentes desse novo sistema familiar (Dessen, & Braz, 2000). Desse modo, o apoio da avó materna se destaca no sentido desta prestar a mãe um suporte tanto emocional quanto prático e informativo acerca dessa nova fase de sua vida (Stern, 1997; Rapoport, & Piccinini, 2006). Além disso, a mãe pode representar para a filha alguém mais experiente e que contribui para a aprendizagem dos progenitores, deixando-os mais seguros e confiantes ao desempenharem seus papéis (Lopes *et al.*, 2010).

Nesse sentido, buscando-se investigar o torna-se avó no processo de individuação, Kipper (2004), realizou um estudo com onze avós maternas, cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e, elas, o nascimento do primeiro neto. Assim, foi investigado o torna-se avó no processo de individuação, a partir de quatro papéis importantes vivenciados por elas, agrupados em eixos temáticos assim descritos: experiência de ser avó, experiência como mãe, experiência como neta e experiência como filha. Em cada eixo buscou-se o entendimento de como as participantes vivenciaram cada papel, e seus novos significados em função de ter se tornado avó, bem como a nova possibilidade de resolução de antigos conflitos e desejos.

No que diz respeito à experiência de tornar-se avó, essa era uma expectativa para a maioria das participantes e que foi realizada. Saber que seriam avós para algumas repercutiu

de modo satisfatório, sendo esse momento muito aguardado e vivenciado intensamente. No entanto, para algumas participantes, a notícia representou um momento de decepção, pois não consideravam o momento apropriado para as filhas tornarem-se mães. A intensidade que o tornar-se avó foi vivenciado para algumas das entrevistadas foi descrito como sendo melhor do que elas haviam imaginado, inclusive melhor do que ser mãe, tendo em vista que esse novo papel envolve menor preocupação, com isso sendo mais prazeroso. Assim, o ser avó foi sentido como algo renovador, cujos netos vieram para preencher um vazio provocado pela idade (Kipper, 2004).

A partir da experiência de ser mãe, destaca-se o nascimento do neto como um momento muito significativo, pois fez com que as participantes revivessem o nascimento de suas filhas, comparando os dois momentos, o passado delas com o nascimento das filhas, e o presente em que as filhas tornaram-se mães. Essa lembrança proporcionou as participantes reviverem os próprios partos e suas dificuldades.

Além disso, nesse aspecto destaca-se a assistência prestada pela maioria das mães as filhas, ajudando-as nos primeiros momentos, sejam nas tarefas de casa ou com o neto. Esse acompanhamento ocorreu ainda durante a gestação no acompanhamento das filhas nas consultas e ajudando-as a montar o enxoval do neto. Após o nascimento, a presença dos avós junto com os filhos se intensificou para prestar o apoio necessário a estes (Kipper, 2004).

Ainda, as avós destacaram a diferença no seu papel de avó do papel de mãe quando elas tinham os filhos pequenos, pois naquela época elas estavam envolvidas com o trabalho, o que limitava o tempo dispendido aos filhos, especialmente para brincar. A maioria das avós demonstrou ter, agora com os netos, mais disposição para brincar do que tinham com os filhos, colocando-se na posição de criança para interagirem com os netos. Esse comportamento pôde refletir o sentimento de não poder ter aproveitado mais com a filha a sua



infância. Contudo, as participantes não notaram mudanças no modo como foram mães e como são avós em relação ao carinho e o amor dispensado aos filhos e netos (Kipper, 2004).

Há um reconhecimento por parte das mães acerca do desempenho da filha com mãe, sendo marcado com elogios, por algumas participantes. Assim, o relacionamento entre mãe e filha foi relatado para a maioria das avós como sendo bom, destacando a proximidade entre elas. Após as filhas tornaram-se mães, elas perceberam que as mesmas demonstraram maior preocupação, valorização e entendimento da mãe, além do amadurecimento. Entretanto, uma parcela das participantes relatou não haver mudança no relacionamento com a filha após o nascimento do neto. Isso evidencia que apesar de haver a oportunidade de antigos conflitos serem resolvidos com o nascimento do neto, isso pode não ocorrer necessariamente, tendo em vista que outros fatores podem estar envolvidos (Kipper, 2004).

No estudo, destacou-se, ainda, a experiência como neta, em que a forma como elas são avós apresenta diferenças do modo como eram seus avós quando elas tinham a idade de seus netos. Assim, a diferença diz respeito ao distanciamento entre elas e suas avós e a pouca manifestação de afeto por parte das primeiras. No entanto, o fato de se tornarem avós proporcionou a elas voltarem a ser crianças, ou que ao serem avós estavam sendo netas novamente, sendo as avós que não tiveram. Desse modo, Kipper (2004) salienta que o tornar-se avó faz reviver não apenas a experiência como mãe, mas também as vivências infantis como neta.

Por fim, a autora comparou o modo das participantes serem avós com a maneira como seus pais foram avós de seus filhos. Nesse aspecto, destacou-se a diferença no modo de agir das participantes, com ênfase para a construção do seu modo particular de ser avó. Algumas notaram melhoras no relacionamento com seus pais depois que se tornaram mães, valorizando-os por tudo o que passaram por elas (Kipper, 2004).

Em um estudo realizado por Dornelas e Garcia (2006), com nove mulheres adultas, com idades entre 45 a 65 anos, e suas filhas adultas, que teve como objetivo investigar, analisar e descrever o relacionamento entre elas em um momento intermediário da vida, destacou-se que a relação mãe-filha apresentou momentos de aproximação e distanciamento. Esses momentos foram influenciados pela entrada da filha no mercado de trabalho, início de namoro e casamento. A aproximação foi facilitada pela pequena distância física, contribuindo para as visitas e os encontros.

Apesar do casamento das filhas ser um evento que contribuiu para a separação entre elas e suas mães, novas formas de aproximação foram criadas. Assim, a separação e a aproximação foram consideradas como fazendo parte da história da relação mãe-filha (Dornelas, & Garcia, 2006).

No que diz respeito ao casamento como acontecimento marcante para as filhas, este repercutiu positivamente para a relação mãe-filha, possivelmente pelo desenvolvimento de novos pontos de similaridade. Assim, a vida de casada contribuiu para a compreensão e a comunicação entre elas, tendo em vista que podiam partilhar de algo semelhante, que era o casamento (Dornelas, & Garcia, 2006).

Ainda, com o intuito de investigar a representação de maternidade de mães jovens e suas mães, Dias e Lopes (2003) realizaram um estudo, considerando os seguintes enfoques: representação de si mesma como mãe, a representação de sua própria mãe como mãe (ou sua filha como mãe) e a representação de como uma boa mãe deveria ser. Entre os resultados apresentados pelo estudo, destaca-se de modo especial, a percepção das mães acerca da representação de maternidade da filha. Assim, as avós se reconhecem como sendo alguém que incentiva a autonomia das filhas, para que elas desenvolvam o seu “jeito” de ser mãe. Além disso, mãe e filha apresentam comportamentos semelhantes quanto às atividades

desempenhadas com relação à maternidade. Ainda, as avós auxiliavam as filhas nos cuidados com os netos, estabelecendo-se, assim, uma relação de apoio e cooperação.

No que diz respeito a relação mãe-filha, ambas destacaram a qualidade desta relação, sem destaque para divergências entre elas. Esse fato, sugere as autoras, pode estar associado à idealização desta relação pelas participantes, sendo ressaltado pelas duas gerações a dedicação e carinho por elas presentes na vivência da maternidade (Dias, & Lopes, 2003).

Apesar do tornar-se mãe ser uma vivência importante e desejada por muitas mulheres, a realização profissional também é um aspecto muito significativo como projeto de vida, que foi salientado pelas filhas (mães jovens) participantes desse estudo. Esse âmbito foi incentivado pelas mães, que muitas vezes, auxiliavam a filha nos cuidados do neto para que ela pudesse investir no seu projeto de vida, sendo ele a conclusão dos estudos ou na inserção do mercado de trabalho, ou ambos. Assim, nota-se que a representação da maternidade não é um processo estanque, mas se encontra em constante transformação (Dias, & Lopes, 2003), assim, como os relacionamentos, entre eles, a relação mãe-filha.

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo investigar a relação das avós com suas filhas no momento em que a filha está vivenciando sua primeira experiência de maternidade. Assim, buscou-se compreender como as avós percebem esta relação antes e após a filha tornar-se mãe, o reconhecimento da filha como mãe, as lembranças suscitadas com o nascimento do neto e o sentimento de ser avó.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram deste estudo dez avós (P) cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias de um Programa de Saúde Materno-Infantil – Programa da Criança. Escolheu-se este programa em específico em função de que ali se desenvolve um

trabalho de atendimento a crianças desde o nascimento até, em média, o segundo ano de vida, cobrindo, o período foco do estudo, que contemplou avós de bebês na faixa etária entre cinco e 28 meses. Dessa forma, através do contato com as mães primíparas que levavam seus bebês às consultas foi possível acessar as suas mães, as avós participantes deste estudo. Os dados relativos às características sociodemográficas das participantes podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sociodemográficos das participantes

	<b>Idade part.</b>	<b>Profissão</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Idade filha</b>	<b>Idade neto</b>
<b>P1</b>	54	Dona de casa	Casada	36	8 meses
<b>P2</b>	62	Aposentada	Viúva	31	28 meses
<b>P3</b>	48	Doméstica	Divorciada	31	12 meses
<b>P4</b>	43	Doméstica	Casada	25	7 meses
<b>P5</b>	53	Doméstica	Casada	18	9 meses
<b>P6</b>	33	Cozinheira	União Estável	18	24 meses
<b>P7</b>	43	Esteticista	Divorciada	20	12 meses
<b>P8</b>	34	Magarefe	União estável	18	7 meses
<b>P9</b>	45	Dona de casa	Casada	19	14 meses
<b>P10</b>	52	Dona de Casa	Casada	29	5 meses

### *Delineamento e Procedimentos*

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve essa temática, a qual pode ser melhor compreendida e explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (Minayo, 2013).

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foi estabelecido o contato com a Secretaria Municipal de Saúde para a apresentação do projeto e solicitação da autorização institucional junto ao representante do Núcleo de Educação Permanente em Saúde - NEPS. Salienda-se que

o NEPS é o responsável pelas autorizações de pesquisa nos serviços da área da saúde, que são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria, entre eles a Unidade Básica de Saúde onde o estudo foi realizado. Após a aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com a professora de Enfermagem, vinculada à Universidade Federal de Santa Maria, responsável pelo Programa da Criança da referida unidade de saúde, com a finalidade de solicitar o consentimento para buscar nos prontuários das crianças atendidas no Programa os telefones das mães primíparas, e a partir da ligação para estas, solicitar o contato de suas mães (avós dos bebês) – as participantes do estudo.

Desse modo, foi realizado o contato telefônico com as participantes e no momento em que os convites eram aceitos, as entrevistas foram agendadas. As mesmas aconteceram de acordo com a disponibilidade das participantes, sendo oito realizadas na própria sala do Programa da Criança, a qual é adequada para a realização deste procedimento e duas na residência das participantes, tendo em vista a incompatibilidade de horário para de se deslocarem até a Unidade Básica de Saúde devido ao emprego.

### *Instrumentos*

Para a realização da coleta dos dados foi utilizado como instrumento uma ficha de contextualização, com a qual se obteve informações das participantes, tais como: idade, ocupação, estado civil, idade da filha primípara e idade do neto. Tais dados contribuíram para contextualizar a realidade estudada. Além disso, foi realizada uma entrevista semidirigida de questões abertas. No que diz respeito à entrevista semidirigida, esta permite uma flexibilidade na direção da entrevista facilitando a coleta de informações baseada no discurso livre do entrevistado, através da introdução de tópicos guia pelo entrevistador, que norteará para questões mais específicas (Turato, 2003). Assim, no primeiro momento, foi preenchida a ficha

de contextualização e, na sequência, foi realizada a entrevista que teve como tópicos guia: a) Relação mãe-filha; b) Mudanças na relação mãe-filha com o evento da maternidade da filha; c) Papéis desempenhados pela avó no contexto da primeira experiência de maternidade da filha. Dessa forma, com os recursos técnicos que foram utilizados buscou-se atingir os objetivos deste estudo.

### *Análise dos dados*

A análise dos dados deu-se através da técnica da análise de conteúdo. De acordo com Gomes (2012), as etapas para a realização desta análise compreendem os eixos: leitura, exploração do material e síntese interpretativa. Assim, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais de análise. No segundo momento, foi feita a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Ao final, realizou-se a relação entre os temas classificados com os objetivos e pressupostos da pesquisa.

Nesse momento inicial, no qual foi feita a leitura exaustiva do material individual de cada entrevista e, posteriormente, em conjunto, foram buscados os núcleos de sentido. Conforme enfatizado por Bardin (2010), para que os núcleos sejam encontrados é necessário que o texto das entrevistas seja analisado a partir do referencial teórico que abarca a temática. Assim, para que fosse possível realizar a categorização, relacionou-se o material obtido pelas entrevistas com os pressupostos teóricos obtidos em momento anterior.

### *Considerações éticas*

Destaca-se, que o presente estudo atendeu a todas as exigências da ética em pesquisa segundo a resolução n.466/2012, do Conselho Nacional de Pesquisa, obtendo aprovação CAEE 37519914.8.0000.5346 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição na qual as

pesquisadoras estão vinculadas. Além disso, todas as participantes ficaram cientes do objetivo do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ressalta-se ainda que todos os nomes apresentados neste estudo são fictícios buscando-se preservar a identidade das participantes.

## **Resultados e Discussão**

Os resultados deste estudo serão apresentados em três categorias, quais sejam: 1. A relação mãe-filha no contexto da maternidade da filha; 2. O reconhecimento da filha como mãe; 3. Ser avó: sentimentos presentes nessa vivência. Na primeira categoria terá como destaque as mudanças percebidas pelas avós no comportamento e no relacionamento entre elas e suas filhas, antes e após a maternidade destas, assim como alguns aspectos da relação entre elas. Na segunda categoria, destacam-se as percepções das avós acerca do desempenho das filhas como mãe. Por fim, na terceira categoria, serão apresentados os sentimentos envolvidos na experiência de ser avó.

### **1. A relação mãe-filha no contexto da maternidade da filha**

A relação mãe-filha pode passar por mudanças ao longo da vida, que pode ser influenciada pelo desenvolvimento do próprio ciclo vital. Nesse sentido, ao tornar-se mãe essa relação pode ser ressignificada, pois o exercício da maternidade, agora vivenciada pela filha, é um importante momento que contém em si o potencial de oportunizar a renovação dos vínculos (Zavaschi, Costa, & Brunstein, 2001). Isso também pode ser facilitado à medida que os avós interagem com os netos, o que repercute para a qualidade da relação estabelecida com seus filhos (Kipper, 2004; Oliveira, 2007).

A partir da perspectiva das avós, o comportamento de suas filhas antes de vivenciarem a maternidade era visto como distante e com poucas demonstrações de afeto:

*“A Márcia era bem diferente quando não era mãe, era bem fria, sabe. Bem fria, bem estúpida. [...] era pouca coisa que ela me procurava” (P3); “Ela era mais dura, sabe” (P4); “[...] foi conturbada [a relação mãe-filha]. Foi bastante assim, distante, fria, entende?” (P7); “Ela era meio teimosa, meio birrenta, assim, bem respondona” (P8).*

No entanto, a maternidade das filhas parece trazer mudanças no comportamento delas, refletindo na relação estabelecida com suas mães:

*“E agora, depois que ela teve a guriazinha, eu vi que ela mudou muito. Ela quer que eu esteja bastante com a Julia [neta]. Ela está mais próxima, mais carinhosa” (P3); “Mas depois que ela se tornou mãe, ela se tornou mais sensível. Com o nascimento do João ela ficou amorosa e a gente fala ‘eu te amo’ uma para a outra, sempre quando a gente se dá tchau. Coisas que a gente não falava com muita frequência [...]” (P4); “Ela engravidou e a gente se aproximou bastante. Foi assim uma coisa mágica para nós duas! Mudou da água para o vinho o nosso relacionamento. O nosso lado afetivo ficou mais forte, a nossa união ficou mais forte” (P7); “Agora ela está bem mais calma” (P8).*

Percebe-se, nas falas das avós, a sensibilidade que a maternidade proporcionou na vida das filhas. Essa característica apontada pelas participantes corrobora com o estudo de Zanatta e Pereira (2013) realizado com mães primíparas que relataram mudanças no seu jeito de ser, a partir da vivência da maternidade. Nesse sentido, a sensibilidade, a responsabilidade, o envolvimento com o bebê e as mudanças nas relações interpessoais são aspectos que podem sofrer influências decorrentes do nascimento de um filho.

Nesse âmbito, percebe-se que a relação mãe-filha pode ser diretamente influenciada com o evento da maternidade da filha. Isso foi constatado também por Lopes *et al.*, (2010) em seu estudo, cujos autores referem ter havido uma reaproximação entre mãe-filha com o nascimento do neto. Assim, em cada fase do ciclo de vida existem tarefas específicas a serem



vivenciadas, mas existe uma nova possibilidade para repensar as relações e os antigos conflitos que não foram resolvidos (Carter, & McGoldrick, 1995; Kipper, 2004).

Entre as mudanças relatadas pelas avós, o fortalecimento da relação com suas filhas também é apontado: *“O Lucas veio para unir mesmo nós [...]. [A relação mãe-filha hoje] é fortalecida, nossa, é na base do amor mesmo, da confiança, sabe”* (P7).

Essa “nova” forma de sentir o envolvimento mãe-filha pode estar associada ao modo como a maternidade foi assumida pela filha, que foi com maturidade e responsabilidade. Esta forma de perceber a filha após ela tornar-se mãe corrobora com o estudo de Dias e Lopes (2003), em que para as mães as filhas assumiram esse novo papel com o comprometimento que ele exige. Assim, ao tornar-se mãe, há uma tendência de identificação entre as duas gerações, com o reconhecimento da filha no papel materno (Kipper, 2004). Esse momento também pode marcar para os novos avós a passagem dos filhos para a vida adulta (Carter, & McGoldrick, 1995).

Foi possível observar com esse estudo, a reaproximação entre mãe-filha, marcada pelo estreitamento dos laços que o nascimento do neto proporcionou. Desse modo, algumas avós referiram que a relação com suas filhas melhorou, após a maternidade da filha, tendo em vista que:

*“Daí também eu acho que ela foi ver o que era ser mãe”* (P2); *“Ela ficou bem mais madura do que era... Que antes ela era muito egocêntrica [...].”* (P8); *“Eu acho que daí ela viu o que que é ser mãe. As responsabilidades, sabe... que tem que ter quando tem uma criança na família. Ela está vendo isso daí”* (P9).

Assim, a maternidade da filha tem sido apontada pelas participantes como um dos principais fatores responsáveis por essa melhora na relação. Essa vivência pôde contribuir para o amadurecimento da filha (Dias, & Lopes, 2003; Kipper, 2004), assim como para a similaridade entre elas, pois pode gerar uma melhora na compreensão uma da outra em que

ambas desfrutam da possibilidade de compartilhar suas experiências acerca do tornar-se mãe, como aponta Dornelas e Garcia (2006).

O nascimento de um filho marca um momento em que as emoções são muito intensas para a família e, em especial, para a mãe. Por um lado, vive-se toda a expectativa em relação ao bebê desde como será fisicamente, com quem ele se parecerá, até os aspectos temperamentais da criança. Por outro lado, a mãe poderá sentir medo, ansiedade e insegurança quando se aproxima a hora do parto. Desse modo, o nascimento marca um momento singular e importante tendo em vista as mudanças que a gestante esteve exposta e as adaptações necessárias com a chegada do bebê (Alves, Gonçalves, Martins, Silva, Auwerter, & Zagonel, 2007). Nesse sentido, no momento do nascimento do neto algumas avós foram solicitadas por suas filhas para que as acompanhassem. Isso foi explicitado pelas participantes como uma relação de companheirismo e proximidade afetiva:

*“Quando ela [filha] foi se preparar para ir para o hospital, no dia antes, ela me convidou para ir almoçar lá. Daí eu cheguei lá e ela disse assim: ‘Ai mãe eu estou com uma ‘coliquinha’ bem fininha mãe, parece uma dor de barriga!’ E eu disse: ‘Isso aí já é um sinal filha’. Assim que ela entrou [no hospital para ter bebê], internou, ela me chamou: ‘mãe, vem mãe, eu estou aqui no hospital X esperando a senhora.’ Daí eu cheguei, liguei para ela e eu fiquei com ela. Eu fiquei tão feliz, tão feliz! E eu estava com ela, ali, ajeitando ela, conversando com ela” (P3); “Depois que ela foi para a casa [do hospital], ela só me ligou e disse: ‘mãe, vem para cá. Não precisa fazer nada, só fica aqui comigo.’ Daí eu disse: ‘vai filha, deita, que a mãe vai fazer um almoço bem gostoso pra ti.’ Daí eu fiz, daí ela comeu sabe, aí depois eu fiquei o dia inteiro lá com ela. ‘Ah, mas tu já vai?’ ‘A mãe tem que ir’” (P4).*

Outra participante, que já tinha uma relação de proximidade com a filha, fez questão de ser ela a realizar a internação da mesma:

*“Eu dizia sempre para ela, quando tu baixar o hospital eu quero ser a primeira a te levar para o hospital. Eu quero fazer a tua internação. Mas eu quero ser a primeira a pegar o meu neto no colo, ir lá, esperar ele nascer... De ver ele nascer bem... Eu não vou sair de lá enquanto eu não ver ele nascer. [...] e fui eu que levei ela para o hospital, fui eu que fiz a internação dela, fiquei lá a tempo de chegar a irmã dela”* (P10).

Estudos têm indicado que nesses momentos há uma preferência pelos cuidados maternos (Dessen, & Braz, 2000; Kipper, 2004). De acordo com as autoras, a principal ajuda prestada pelas mães refere-se aos cuidados durante o processo de internação para o nascimento do neto e nos dias seguintes, com os primeiros cuidados com o bebê. Ao longo do tempo, essa ajuda pode se estender também na educação e criação dos netos e no auxílio do provimento material, quando se fizer necessário. Para Maldonado (1997) e Magalhães (2008), pode-se pensar que a preferência por estar sendo acompanhada pela mãe nos momentos da internação e do nascimento do bebê representam o acolhimento e a proteção que a figura materna proporciona, tendo em vista que esse momento pode acentuar o medo da morte, as fantasias em relação ao bebê e a própria insegurança quanto a sua capacidade de tomar-se mãe.

A aproximação entre mãe e filha também pôde ser observada em outros momentos onde as participantes referem comunicação frequente com suas filhas por contato telefônico, quando não conseguiam estar junto pessoalmente:

*“Converso com ela [filha] por telefone, todos os dias ela me liga. Quando eu tenho algum problema, eu ligo, eu falo com ela, ela me acalma, eu acalmo ela. Eu amo os três, mas eu me identifico com a Letícia. Por que a Letícia parece que lê os meus pensamentos e eu leio os dela”* (P4); *“Agora a pouco eu estava falando com ela e perguntei: ‘Como que tu estás? O Mateus está bem? Manda um beijinho pro Mateus’.*

*Ela: 'Ele está aqui, mãe, foliando aqui. Agora eu estou dando uma papinha para ele. Daqui a pouco eu vou dar um banho e ele vai dormir.' Assim, nós nos falamos todos os dias [...]" (P10); "Esses dias a guria caiu, bateu com a boca, cortou, começou a sangrar. Ela já me ligou dizendo para mim... Qualquer coisinha ela liga" (P8).*

Todas as participantes e suas filhas residiam na mesma cidade, o que parece ter sido um fator importante para a aproximação entre elas. No entanto, nem sempre era possível mãe e filha se visitarem, assim o contato era realizado por telefone, sendo possível perceber a identificação entre elas, o envolvimento e a referência que uma é para a outra.

Ainda, no que diz respeito à proximidade geográfica entre mãe e filha, esta é percebida como um fator facilitador para o relacionamento. Esse aspecto também foi verificado no estudo de Dornelas e Garcia (2006). Assim, apesar da distância geográfica não garantir que exista um contato maior entre as duas, ela proporciona mais possibilidades para que isso ocorra (Araújo, & Dias, 2002).

Dada à importância que o diálogo tem para o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos, salienta-se o quanto ele foi significativo e esteve presente na relação mãe-filha, como uma marca desta interação. Atualmente, para Borges e Magalhães (2011), nota-se que pais e filhos desfrutam de uma maior liberdade de comunicação na família, o que contribui para que ambos compartilhem tanto as alegrias quanto as dificuldades proporcionando uma relação de confiança e cumplicidade, como pôde ser observada nas falas de algumas participantes.

Para Rabelo e Neri (2014), devido ao longo tempo que os pais convivem com seus filhos adultos essa relação é diferente de qualquer outra, devido à longa história compartilhada. Os laços criados entre pais e filhos envolvem além de contatos e apoio uma grande proximidade e emoções que podem ser positivas ou negativas. Neste estudo foi possível perceber, de modo geral, emoções positivas evidenciadas através da aproximação e

satisfação na relação mãe-filha, apesar de também ter sido observado aspectos menos positivos nessas relações inerentes a notícia de uma gravidez não esperada para aquele momento, no caso de uma participante, como também dificuldades na relação com a filha, no caso de outra participante.

Nesse sentido, uma participante apontou a existência de dificuldades na relação mãe-filha com a ocorrência de conflitos entre elas desde a adolescência da filha. De acordo com Barros (1987), o conflito pode se apresentar em todas as relações sociais, entretanto, é nas relações afetivas que ele pode se manifestar mais abertamente. Nesse sentido, apesar das dificuldades na relação, a casa da mãe era o porto seguro, o lugar para onde a filha sempre retornava:

*“Ela sempre foi bem caprichosa, de repente ela não queria mais tomar banho, não queria mais lavar a roupa dela e aquilo começou a me irritar, e aí a nossa relação começou a mudar muito” (P6).*

Por um tempo mãe e filha ficaram sem se falar. A mãe ao ficar sabendo que a filha estava grávida, tentou retomar o contato com ela e acolhê-la, e está retornou para a casa da mãe. Recentemente, a filha toma algumas decisões e resolve sair de casa, deixar o filho e ir viver uma vida sem muitos “limites”. A mãe demonstra preocupação com as atitudes dela e tenta orientá-la, que desde o início resiste em ouvi-la, no entanto, depois volta para casa da mãe.

Neste caso, pode-se pensar que uma das causas para o afastamento da filha e a não comunicação da gravidez pode estar associada ao modo como a relação entre elas foi se estabelecendo desde o início. Essa mãe relata na entrevista as expectativas projetadas para a filha e reconhece que exigia muito dela com o intuito de que *ela tivesse uma vida melhor do que foi a sua* (P6). No entanto, a mãe se dá conta que a filha não era escutada, e apenas fazia o que era desejo da mãe. Nesse sentido, também se pode pensar a maternidade da filha vem

como uma reação para poder ter algo que agora fosse seu. A partir deste caso, pode-se pensar nas dificuldades e ajustes a que estão sujeitas as relações, com momentos em que é necessário um afastamento para uma que depois haja a reaproximação.

Apesar de alguns momentos essa relação mãe-filha ser conturbada, percebe-se a existência de um laço que as reaproxima, pois nos momentos de dificuldade ou de afastamento da filha, a mãe a buscava, e ela correspondia indo ao encontro da mesma. Nota-se, ainda, a importância que essa a mãe tem como alguém, que apesar das cobranças consegue acolher a filha e lhe apoiar para além das questões que dizem respeito a maternidade, mas para a vida. Além do apoio prestado pelas participantes as suas filhas em decorrência do nascimento do neto, houve também o reconhecimento do desempenho da filha como mãe, igualmente importante e que merece ser destacado.

## **2. O reconhecimento da filha como mãe**

Nesta categoria serão apresentadas as percepções das participantes acerca do desempenho da filha com a maternidade. Assim, o reconhecimento de que a filha é uma boa mãe, se destacou na fala das participantes:

*“Ela é uma super-mãe. O filho é dela, é ela que tem que cuidar e pronto” (P2); “Ah, ela é uma excelente mãe, uma excelente mãe” (P4); “É boa mãe, cuida bem” (P8); “Ela é uma mãe excelente! Não tem o que falar. É caprichosa, é com o filho, é com o marido, e ela é paciente” (P10).*

No relato de outra avó, apesar da preocupação tendo em vista que a filha tornou-se mãe aos 17 anos, esta a surpreendeu no desempenho do seu novo papel:

*“Eu pensei... Que ela não iria ser uma boa mãe né, por que primeiro filho não sabe como é... Mas não, é uma excelente mãe. Cuida bem da bebê. Tem bastante paciência,*

*tem muitas que não querem né, que a criança começa a chorar e... Mas ela não, ela tem bastante paciência” (P8).*

Neste caso, apesar das consequências de uma gravidez aos 17 anos, há também as dificuldades inerentes a situação econômica familiar: *“Ela não tinha nada! Ela não tinha fogão, geladeira, cama, colchão, nada! E daí a gente foi conseguindo... Um deu uma cama, o outro daí” (P8).*

Nesse caso, percebe-se que apesar das mudanças e adaptações necessárias decorrentes de uma gestação relativamente cedo, a filha assumiu o papel de mãe. Provavelmente, o apoio proporcionado pela família e pelo companheiro foi fundamental para que ela conseguisse vivenciar a sua primeira experiência de maternidade de modo satisfatório.

No contexto em que este estudo foi realizado, percebe-se o quanto está presente à rede de apoio social. Esse apoio é muito importante na medida em que contribui para a maternagem responsiva, especialmente diante de condições estressantes, como pode ser uma gravidez não planejada, ou até mesmo por ser algo novo, como a primeira experiência. Assim, o apoio oriundo das pessoas próximas contribui para o desenvolvimento de um apego seguro entre o bebê e sua mãe, além de proporcionar a criança o contato direto com os membros desta rede de apoio (Rapoport, & Piccinini, 2006), que podem ser os avós, tios, amigos, entre outros do círculo de convivência.

O reconhecimento das participantes do estudo quanto à autonomia das suas filhas em assumir a maternidade, considerando que era a primeira experiência, repercutiu em um sentimento de satisfação, que algumas avós se orgulhavam do envolvimento das filhas com o neto e da forma como elas estavam vivenciando o ser mãe:

*“Ela faz tudo. Ela que dava [banho no bebê] desde o primeiro dia” (P1). “Ela foi muito independente. Claro que algumas coisas ela me solicitava, mas no quesito geral, ela foi muito independente. Passou todas as noites em claro que teve que*

*passar, passou todas as cólicas dele ela passou, foi super-mãe mesmo! Eu me sinto com a missão cumprida. Por que eu acho que eu cumprir o meu papel. Consegui ser essa mãe que ela está sendo hoje” (P7); “Ela não deixou ninguém ajudar. (...) ela fez cesariana, o primeiro banho que deu no nenê foi ela no hospital. Ela saiu do hospital, almoçou com nós, eu disse ‘Luana, tu vai ficar com a madrinha né?’ ‘Quê, vou ficar com a madrinha?! Eu vou para a minha casa. Tenho casa pra quê?’ E ela foi para a casa dela. Eu até me sinto orgulhosa dela ser assim” (P2); “Tu sabe que eu pensava que a Julia não ia ser assim... uma mãe que tem o bebê novinho e não quer fazer as coisas, mas ela assumiu tudo. Tudo ela assumiu. E eu me sinto orgulhosa porque eu achei que ela não iria fazer tanto porque ela é muito mimada [... ]” (P5).*

A independência das filhas desde o momento inicial do nascimento do bebê, em que elas assumiram a maior parte dos cuidados com a criança, pode evidenciar que o tornar-se mãe foi vivenciado por essas mulheres. Para uma participante (P7), a satisfação em perceber a filha apropriada no seu novo papel, sinaliza o quanto ela como mãe conseguiu desempenhar bem o papel materno. Assim, é através da identificação com a mãe que a filha se constitui como mulher e mãe e, a mãe também busca na filha uma identificação que poderá ser sentida como uma satisfação pela realização de seu papel, o que vai ao encontro dos resultados encontrados no estudo de Dornelas e Garcia (2006). Esse reconhecimento da mãe acerca do comportamento da filha também pode sinalizar a convergência entre elas sobre o entendimento e a percepção do que representa a maternidade (Dias, & Lopes, 2003).

Para duas participantes a organização das filhas como mães foi outra característica apontada:

*“A Letícia ela é toda no horário certinho sabe, é aquela atenção. Tem horário para o almoço dele, tem horário para o banho dele, tem horário para a janta. A casa dela é pequena, mas é impecável, ela é muito detalhista, toda limpinha, toda organizadinha.*



*Ela não lava a roupa do bebê com a roupa deles, ela lava sozinho. Eu não me preocupo com ela em nada nesse sentido” (P4); “A Patrícia me surpreendeu! Ela se organizou desde a primeira roupinha que ele iria usar quando fosse sair do hospital. Tudo, tudo!” (P7)*

Essa organização, como apontada pelas avós, parece marcar o investimento das suas filhas em relação ao neto e o lugar que ele ocupa na família. Isso também foi observado no estudo realizado por Zanatta e Pereira (2013), em que as mães primíparas durante a gestação apresentavam muitas expectativas em relação ao bebê, o que possibilitou a elas pensar, desejar e organizar o lugar que esse filho viria a ocupar em suas vidas. Além disso, a organização materna também pode representar a maturidade com que as filhas estavam enfrentando esse novo momento, corroborando com Kipper (2004), que destaca em seu estudo a surpresa das mães em relação a maturidade das suas filhas no envolvimento com a maternidade.

É através das atitudes das filhas com os netos que algumas avós se identificaram referindo-se ter agido de modo semelhante quando vivenciaram a maternidade: *“Ela protege demais, mas eu também era. Daí eu me vejo nela” (P3); “A gente parece que está se vendo, quando a gente também foi mãe, né. É a mesma coisa” (P9)*. As avós, ao avaliarem a forma como suas filhas estão agindo com os netos, também estão se auto avaliando como mães e se reconhecendo, pois o modo de agir das suas filhas representa um produto de sua criação (Kipper, 2004).

Por outro lado, também é importante destacar o reconhecimento de uma participante para além dos aspectos que dizem respeito somente a maternidade da filha:

*“Por mais que ela esteja ocupada, correndo, ela trabalha, chega cansada, mas a gente nota que ela sempre sai, que ela vive a vida. Ela sai, ela vai no cinema, ela vê as coisas, depois ela fica com o filho. Ela paga a parte a irmã, ela dá um troco a mais*

*pra ela ficar com o Mateus e ela sai com o marido dela. Ela trabalha, mas vive a vida dela” (P10).*

Conforme relatado pela avó, esse comportamento da filha parece sinalizar a condição que a maternidade tem ocupado na vida da mulher, se ajustando ao contexto sócio-histórico (Dias, & Lopes, 2003) em que ela tem buscado desempenhar outros papéis, além de ser mãe. Nisso se configura também a necessidade de um momento pessoal diferenciado do papel de mãe (Dias, & Lopes, 2003), sendo este espaço importante para a qualidade do relacionamento do casal. Nesse sentido, na entrevista desta participante fica evidente o investimento da filha no relacionamento conjugal, o que pode repercutir positivamente para todos os envolvidos, considerando a influência que a relação conjugal exerce nas atitudes parentais (Dessen, & Braz, 2000).

Além disso, com a chegada do neto e com o reconhecimento da filha como mãe, esses acontecimentos remeteram as avós ao momento do nascimento das suas filhas, sendo, assim, lembrado por elas:

*“Fez, fez eu me lembrar do nascimento da Letícia. Que a Letícia quando ela nasceu que o médico colocou ela assim em cima de mim foi uma emoção, que não tem como tu explicar. Só sentindo para saber o que é” (P4); “A gente lembra de tudo! Desde o primeiro momento do nascimento dos filhos, o cuidado, aquela coisa, aquela preocupação... Será que está com febre? Será que está com dor de barriga, sabe? Aquela coisa do ninar, do acolher” (P7); “Vem tudo na cabeça! É o hospital, as enfermeiras, o choro, é tudo... Embalando ali, dando mama no peito... Aquela emoção... A sacolinha cor de rosa, as coisinhas, assim, o sabonete, as fraldas, mudando né... A pulseirinha que ficava no pulso [...]” (P10).*

Através do relato dessas participantes e com a riqueza de detalhes mencionados pela P10, isso possibilitou perceber a emoção que foi o tornar-se mãe para elas, sendo revivido

através do nascimento do neto. Assim, esse sentimento teve uma nova oportunidade para ressurgir, com a maternidade da filha, proporcionando as avós lembrar o nascimento de seus filhos. Desse modo, o nascimento dos netos tem uma importância muito grande, pois pode remeter a reconstrução do nascimento dos filhos e as dificuldades enfrentadas por elas (Barros, 1987; Kipper, 2004).

Nota-se que as lembranças relatadas pelas avós apresentam uma carga afetiva muito expressiva, relacionada ao momento em que elas vivenciaram a maternidade. Frente a isso, é interessante compreender como elas percebem e sentem este outro acontecimento que estão vivenciando neste momento, que é o ser avó.

### **3. Ser avó: sentimentos presentes nessa vivência**

Nesta categoria serão destacados os sentimentos despertados nas avós com o nascimento do neto. Ressalta-se que não foi condição necessária para integrar o estudo que as participantes estivessem vivenciando o tornar-se avó pela primeira vez, somente que suas filhas estivessem vivenciando a primeira experiência de maternidade.

Buscando-se conhecer como foi sentido o nascimento do neto, a maioria das participantes destacou como sendo um momento maravilhoso, ótimo e muito feliz. Para algumas, esse acontecimento foi muito esperado, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pela filha primípara para engravidar.

Das descobertas prazerosas que a maturidade pode proporcionar ser avó, talvez seja uma das experiências mais enriquecedoras, pois envolve sentimentos novos e intensos (Aratany, & Posternak, 2010). Nesse sentido, essa vivência foi assim descrita por algumas participantes:

*“Pra mim, ser avó é um prazer, é uma alegria pra mim” (P1); “Eu para mim ser avó foi muito bom, é muito bom ser avó. Sou avó com muito orgulho” (P2); “Assim, eu*

*amo todos ele, mas a Caroline, como te digo... tenho mais apego porque a gente está vendo ela aqui. Daí ela faz gracinha tu te derrete, ela faz isso tu te derrete, né” (P5).*

Para essas participantes ser avó foi pontuado como sendo uma experiência que envolve sentimentos alegres e de satisfação. Além disso, essa vivência também foi referida como despertando uma emoção maravilhosa e intensa e, para algumas avós, como uma emoção nova frente à notícia da gravidez da filha, indo ao encontro dos achados de Kipper (2004).

De acordo com Aratangy e Posternak (2010), o modo como o sentimento de ser avó é vivenciado apresenta uma estreita ligação com a maneira como os pais constroem a relação com seus filhos, possibilitando a estes fundarem a sua família, sem causar rupturas dolorosas na relação entre pais e filhos. Neste estudo, a maioria das avós destacou positivamente a relação com suas filhas após a maternidade destas, existindo o convívio entre elas e também com os netos, o que pode ter favorecido para que os sentimentos e a afetividade se manifestassem de modo tão especial pelas participantes.

Além dos sentimentos de satisfação e alegria relatados pelas participantes, ser avó implica também sentir-se preocupada e querer estar junto com a filha e o neto: *“Mas ser vó, para mim está sendo uma experiência maravilhosa por um lado, e quando tem uma gripizinha também eu sofro junto com ela, sabe. [...] se ela [filha] leva ele para o médico eu quero estar junto” (P4).*

O sentimento de preocupação destacado por essa participante evidencia o envolvimento, o cuidado e a responsabilidade que também estão presentes nas avós. Assim, para aquelas avós que são participativas e desempenham um papel ativo, o envolvimento afetivo e o cuidado com a saúde dos netos parecem fazer parte de suas “atribuições” (Oliveira *et al.*, 2009).

O nascimento do neto proporcionou as avós deste estudo a sensação de estarem vivenciando a maternidade pela segunda vez, no entanto, sem todas as responsabilidades que implica o ser mãe e com o diferencial do conhecimento já adquirido na maternidade dos filhos:

*“Ser vó realmente é ser mãe duas vezes, mas sem todas as responsabilidades dos filhos! Por isso que eu acho que é mais gostoso... Mas é que assim, a gente não tem aquela responsabilidade toda com a criança por que tem os pais, mas tem aquela responsabilidade com a filha que está ali ou com o filho. Será que vai fazer direitinho, que vai conseguir, entende? Então essa é a responsabilidade que a gente leva quando a gente é avó! Por que se o teu filho não cuidar bem, aquela criança não vai estar bem cuidada [...] Então há uma cobrança” (P7); “Primeira experiência [de maternidade da filha], é como se eu fosse mãe de novo, né” (P4); “A avó é a segunda mãe (riso). A única coisa é que acho que a gente tem mais cuidado, cuida não deixa chorar” (P9).*

Assim, ser avó possibilitou as participantes reviverem a sensação da maternidade, passando por uma transição de lugares e ocupando uma posição de coadjuvante, permitindo que a filha assumisse a posição de autoridade. Para algumas avós esta mudança pode ser gratificante, pois lhe permite manter uma relação de proximidade com o neto sem o peso que a maternidade impõe, como bem aponta Aratangy e Posternak, (2010).

O fato de uma participante (P7) ter mencionado que ser avó é mais gostoso, tendo em vista que é uma vivência que não envolve a responsabilização total pela criança, pode estar associada a responsabilidade e a autonomia com que a filha e o genro assumiram os seus papéis. Consequentemente, isso possibilita que a avó desfrute desse papel com mais leveza. No entanto, esta se refere ter uma cobrança pela atitude da filha no desempenho do seu papel de mãe, o que em parte não a libera totalmente das responsabilidades. Assim, as angústias

sentidas pela filha podem atingir a sua mãe com a mesma intensidade com que o choro do bebê pode suscitar angústias na sua filha. Dessa forma, percebe-se o quanto a avó está envolvida na maternidade da filha e sofre juntamente com ela, pois sofre tanto pelo choro do bebê, quanto pela angústia da filha (Aratangy, & Posternak, 2010).

Além disso, para a participante P7 ser avó proporcionou uma sensação de desenvolvimento pessoal:

*“Eu amadureci muito, eu cresci como ser humano, entende? Eu cresci como ser humano! Eu aprendi muito como ser humano. Os netos nos ajudam a amar mais, a nos amar mais, entende? Eu acho que isso é tudo de bom, não tem dinheiro que pague o amor de vó para neto e de neto para vó” (P7).*

Frente a isso pode-se pensar no potencial transformador que o nascimento do neto provocou nesta avó, resultando no crescimento pessoal. A chegada de um neto tem o potencial de dar novos contornos a avó e contribuir para a melhora das relações familiares (Melca, 2013). Nesta fala também fica evidente o amor da avó pelo neto, que pode ser o reflexo do sentimento de satisfação que esse papel está trazendo para a vida desta participante.

No entanto, apesar do destaque dado pelas participantes à satisfação com o tornar-se avó, outros sentimentos se fizeram presentes. Nesse sentido, evidencia-se o relato da P8, que diz não ter conseguido comemorar a notícia de que seria avó, pois isso a remete a uma experiência difícil: *“Eu não quero, eu tinha trauma [ser avó]! Eu não sei se vou conseguir! É por que quando eu tive o meu primeiro com dezenove anos, eu tive trauma do parto. Além disso, para essa avó ter uma criança na família não era um algo desejado para aquele momento: Eu não queria saber de criança! Aí, a gente passa muito trabalho, criança dá muito trabalho” (P8).*

Se para algumas receber a notícia que irá se tornar avó representa um momento de felicidade e satisfação, para outras fica evidente o confronto com a realidade (Kipper, 2004)

tendo em vista, inicialmente, a repercussão que a gravidez da filha trouxe para esta participante. Entretanto, com o decorrer da gestação e o nascimento da neta esse sentimento foi se modificando:

*“Eu nunca fui avó né, aquela minha irmã lá que era avó, foi primeiro do que eu, falava ‘ah, não sei o que, não sei o que...’ E eu dizia, ué, mas será que ser vó é tudo isso ai né? Mas é sim! Por que no momento que ela ficou grávida, a gente já começa a gostar da criança! A criança nem nasceu, está se gerando ainda e a gente já está gostando. E depois que nasce, daí piorou. [...] Eu achava que ser vó é só cuidar e pronto! Mas não, a gente fica preocupada! Toda hora fica pensando né, será que está bem, será que não está...” (P8).*

Assim, na fala desta participante nota-se a mudança nos sentimentos proporcionada pela nascimento da neta. De acordo com Barros (1987), esse acontecimento tem a capacidade de transformação nos sentimentos que atinge não somente aos pais, mas ao grupo familiar e, em especial aos avós. Desse modo, o nascimento de um neto traz consigo a mudança, o sentimento de uma emoção nunca experienciada e inaugura uma nova etapa de vida, como foi para a P8.

### **Considerações Finais**

A chegada do neto marca um momento muito importante para a relação mãe-filha. É durante a gestação da filha que pode começar a surgir evidências de que a relação entre elas está se transformando. Assim, com o nascimento do neto, as avós perceberam suas filhas mais sensíveis e afetivas, o que pode ter colaborado para a reaproximação e o fortalecimento da relação entre elas. Nesse sentido, destaca-se de modo geral, a melhora da relação mãe-filha, proporcionada pelo amadurecimento da filha, atribuído pelas avós em decorrência da maternidade.

O nascimento de uma criança é um momento que pode mobilizar muitos sentimentos, especialmente para a mãe que está prestes a ter o seu bebê. Esse acontecimento foi descrito pelas participantes como de proximidade e afeto entre a avó e sua filha. As participantes referem terem sido solicitadas por suas filhas para as acompanharem no momento da internação e nascimento do neto, assim como quando já estavam em casa. Além do prazer relatado por elas de estarem próximas de suas filhas e do neto, as avós também demonstraram disposição para auxiliá-las quando necessitassem da ajuda materna.

Outro ponto a ser destacado neste estudo refere-se ao reconhecimento por parte das participantes acerca do desempenho das filhas no papel materno. Assim, elas identificaram suas filhas como sendo boas mães, dedicadas e paciosas com os seus bebês. Diante disso, as participantes destacaram a autonomia e independência das filhas em dar conta dos aspectos que estão envolvidos na maternidade, o que proporcionou a elas um sentimento de orgulho e dever cumprido.

Ainda, o nascimento do neto parece ter desencadeado nas avós a lembrança do momento em que elas estavam vivenciando o nascimento de seus filhos, com uma riqueza de detalhes e uma intensa carga afetiva. Assim, foi possível perceber através do relato de algumas participantes, o quanto a maternidade da filha é um acontecimento importante também para a avó, que passa a vivenciar outro papel além do papel de mãe.

Diante disso, ser avó foi descrito pelas participantes como uma vivência repleta de sentimentos alegres e de satisfação. No entanto, também implica preocupação, querer estar junto e cuidar da filha e do neto. Pode-se pensar que a presença desses sentimentos reflete o envolvimento e o investimento afetivo da avó para com a filha e o neto, em um momento em que novas e intensas emoções estão sendo experienciadas por todos os envolvidos.

Destaca-se a importância de novos estudos, que tenham como foco a relação mãe-filha no momento em que a filha vivencia a maternidade, e que sejam realizados em diferentes



contextos socioeconômicos, a fim de que se possa melhor compreender a dinâmica da mesma. Além disso, salienta-se que este é um assunto pouco explorado no cenário nacional, o que possibilita maiores oportunidades de investigação. Diante disso, entende-se que com este estudo pôde-se contribuir para uma reflexão acerca desta relação podendo adentrar um pouco na complexidade desta temática, destacando a importância dos avós no contexto familiar.

Por fim, salienta-se que os achados deste estudo não tem a pretensão de abarcar a totalidade do fenômeno. Outros estudos realizados em contextos diferentes e que se utilizem de outros critérios de inclusão podem encontrar diferentes resultados, como avós que criam netos e que residem com eles, bem como avós com as quais as filhas não tem companheiro presente.

### Referências

Alves, A. M., Gonçalves, C. D. S. F., Martins, M. A., Silva, S. T. D., Auwerter, T. C., & Zagonel, I. P. S. (2007). A enfermagem e puérperas primigestas: desvendando o processo de transição ao papel materno. *Cogitare Enfermagem*, 12(4), 416-27.

Aratangy, L. R., & Posternak, L. (2010). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?* São Paulo: Primavera Editorial.

Araújo, M. R. & Dias, C. M. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(1), 91-101.

Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barros, M. L. (1987). *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, 40(1), 42-49.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. (2 a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), p. 221-223.

Dias, A. C. & Lopes, R. de C. S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8(especial).

Dornelas, K. & Garcia, A. (2006). O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, 10(2), 333 - 344.

Felice, E. M. (2007). Transformação e “cura” através da experiência de ser mãe. *Psychê*, São Paulo, 11(21), 145-159.

Gomes, R. (2012). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade* (pp.79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.

Kipper, C. D. R. (2004). *O tornar-se avó no processo de individuação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maldonado, M. T. (1997). *Psicologia da gravidez*. São Paulo: Saraiva.

Magalhães, R. O. (2008). Limites e Possibilidades no exercício da Maternidade. *Práxis e Formação*, (1), 90-96.

Melca, F. M. A. (2013). Ser uma avó cuidadora - um estudo de casos. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec.

Lopes, R. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 295-304.

Oliveira, M. R. D. (2007). *Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Oliveira, A. R. V., Gomes, L., Tavares, A. B. & Cárdenas, C. J. (2009). Relação entre avós e seus netos no período da infância. *Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*, 12(2), 149-158.

Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 85 – 96.

Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando Famílias*, 18(1), 138-153.

Silva, D. V., & Salomão, N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 135-145.

Stern, D. N. (1997). *A Constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Turato, E. (2003) *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Zalcborg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.

Zanatta, E., & Pereira, C. R. R. (2013). *A experiência da maternidade pela primeira vez: sentimentos e percepções maternas*. 2013. Monografia (Trabalho de conclusão de curso), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Zavaschi, M. L. S., Costa, F., & Brunstein, C. (2001). O bebê e os pais. In. C. Eizirik, F. Kapczinski & A. Bassols (Org.). *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica* (p.41-57). Porto Alegre: Artmed Editora.

## **ARTIGO 2**

**CONHECENDO A IMAGEM, PAPEL E A RELAÇÃO AVÓ-NETO: A  
PERSPECTIVA DE AVÓS MATERNAS.**

## **Conhecendo a imagem, papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas**

### **Knowing the image, role and the relationship between grandmothers and their grandchildren: the perspective of maternal grandmothers**

### **Conociendo la imagen, el papel y la relación abuelo-nieto: la perspectiva de los abuelos maternos**

#### **Resumo**

Com o decorrer do tempo, o modo como os avós tradicionalmente eram vistos foi se modificando. Contudo, é inegável a importância que os mesmos têm para o contexto familiar. Este estudo teve como objetivo investigar as “novas” configurações da imagem e papel das avós no contexto atual, bem como apresentar alguns aspectos da relação avó-neto. Este é um estudo qualitativo em que participaram 10 avós cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias de um Programa de Saúde Materno-Infantil. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se uma ficha de contextualização e uma entrevista semidirigida. Os resultados foram analisados conforme o método de análise de conteúdo e apontaram que as avós são mulheres relativamente jovens e que desempenham um papel ativo, tanto no contexto familiar como socialmente. A relação avós-netos foi descrita pelas participantes com sentimentos de satisfação, afeto e pelo forte vínculo. Destaca-se o papel de apoio desempenhado pelas avós, em decorrência do nascimento do neto, colocando-se como referência para as filhas primíparas. Isso sinalizou um papel importante e ativo das avós. Por fim, salienta-se a importância de estudos envolvendo avós, considerando a importância das mesmas para a dinâmica familiar.

**Palavras-chave:** Avós; Relações entre gerações; Maternidade; Relação Avó-neto.

#### **Abstract**

With the passage of time, the way grandparents are seen is changing. However, grandparents' importance for the family context is undeniable. This study aims at investigating the 'new' configurations of image and role of grandmothers in the present context and also presents some aspects of the relationship between grandmothers and their grandchildren. This is a qualitative study and the participants are 10 mothers whose adult daughters were living the first experiences of maternity and were attending a public health program for mothers and infants. As instruments for data collection we used a form of contextualization and a semi-directed interview. The results were analysed in accordance with the content analysis method and they indicated that grandmothers are relatively young women who perform an active role within the family and society. The participants described the relationship with their grandchildren as one characterized by a strong bond and the feelings of satisfaction and affection. It is important to emphasize the supportive role performed by grandmothers after the birth of a grandchild, when they become a reference for their primiparous daughters. This aspect revealed the important and active role performed by grandmothers. Lastly, we

highlight the importance of studies involving grandmothers in view of their importance for the dynamic of the family.

**Keywords:** Grandmothers; Relationships between generations; Maternity; Relationship grandmother-grandchild.

### **Resumen**

Con el pasar del tiempo, el modo como los abuelos tradicionalmente eran vistos se ha modificado. Sin embargo, es innegable su importancia en el contexto familiar. De este modo, el presente estudio ha tenido como objetivo investigar las “nuevas” configuraciones de la imagen y del papel de las abuelas en la actualidad y, también, presentar algunos aspectos de la relación abuelo-nieto. El estudio ha tenido un carácter cualitativo, con la participación de 10 madres (P), cuyas hijas estaban vivenciando la maternidad por primera vez y eran usuarias de un Programa de Salud Materno-Infantil. Como instrumento de búsqueda de datos, se ha utilizado una ficha de contextualización y una entrevista semiestructurada. Los resultados han sido analizados por medio del análisis de contenido y han señalado que las abuelas son mujeres relativamente jóvenes y desempeñan un papel activo, en el contexto familiar y social. Son abuelas participativas y disponibles para la interacción con el nieto, al mantener una fuerte relación entre ellos, marcada por sentimientos de satisfacción, alegría, afecto y por el fuerte vínculo. Se evidencia, aún, el papel del apoyo que desempeña la mayoría de las abuelas, en recurrencia del nacimiento del nieto, además del papel de guardián, desempeñado por una abuela en el cuidado integral de los nietos.

**Palabras-Clave:** Abuelos; Relaciones entre generaciones; Maternidad; Relación Abuelo-nieto.

## Introdução

Ao se pensar sobre a família e as relações familiares, é importante considerar o lugar ocupado pelos avós durante os processos de transformação familiar, como é o caso do nascimento dos netos. Nas últimas décadas, tem-se percebido que a idade na qual a pessoa se torna avô ou avó pode ser muito variada. Identificam-se avós mais jovens, como também, aqueles que apresentam idades cada vez mais avançadas, ou seja, algumas pessoas têm se tornando avós tanto aos 35 anos quanto aos 70 anos (Cardoso, 2011; Cardoso, & Brito, 2014).

De acordo com Aratangy e Posternak (2010), o século XXI, será considerado o século dos avós. Entre os americanos, mais de 50% tornam-se avós com idades entre 49 e 53 anos e passam nessa função de 30 a 40 anos. Na França, com idade em torno dos 65 anos, 80% são avós e, aproximadamente, metade dessa população será bisavó. Já na Inglaterra, por volta dos 54 anos, 50% das pessoas têm netos. Deste grupo, 25% dos avós são os principais responsáveis por cuidar dos netos e o fazem em torno de seis horas por dia.

Tendo em vista a importância que os avós foram assumindo no contexto familiar é preciso considerar que alguns fatores fizeram com que eles se tornassem figuras significativas e participativas no cuidado com os netos, tais como: o aumento na expectativa de vida, o que por sua vez proporciona maior contato entre as gerações; a inserção da mulher no mercado de trabalho; as novas configurações familiares (as famílias monoparentais, que são constituídas por apenas um membro parental cuidador; as famílias recasadas, que se configuram por separações e novos casamentos com ou sem filhos oriundos dessas relações e as divorciadas/separadas); a gravidez na adolescência; o uso de drogas; morte dos pais, entre outros. Considerando essa perspectiva, os avós começam a ganhar maior visibilidade (Dias, 2002).

É inegável a importância que os avós têm na transmissão dos conhecimentos e na história de uma geração para outra, e o significado que isso tem para os filhos e netos. Ser

avós é perceber nos netos o prolongamento da sua vida, perpetuando as suas características em um corpo novo. Além disso, ao desempenharem a função de avós, eles podem se beneficiar da reaproximação com os filhos a partir do contato com os netos. Por outro lado, essa reaproximação também pode ocorrer a partir da perspectiva dos novos pais, que podem voltar a se aproximar de seus pais e recuperar o sentimento de pertencimento que pode ter sido enfraquecido com a saída de casa, independência e casamento (Castellon, 2004).

Nesse sentido, destaca-se, ainda, o papel que os avós desempenham, devido à sua experiência de vida, de agentes socializadores da maternidade e da paternidade para os seus filhos. Com o nascimento do neto, a presença dos avós junto aos pais não somente se modifica como também se intensifica. Cabe a eles ajudar e orientar os novos pais a desempenharem suas funções e adaptarem-se às mudanças proporcionadas pela chegada do bebê (Barros, 1987).

Com o decorrer do tempo, os avós tiveram diferentes formas de participação no contexto familiar e na sociedade (Falcão, 2012; Oliveira, & Karnikowski, 2012). Ao se considerar a realidade das famílias brasileiras, a década de 60 é marcada pelos avós desempenhando papéis tradicionais, como cuidadores das crianças na ausência dos pais e também como contadores de histórias (Falcão, 2012).

Nas décadas de 70 e 80, a atenção voltou-se para as relações entre as gerações, buscando nos avós os modelos de pais e o suporte para a manutenção da família (Falcão, 2012). Neste período, especialmente na década de 80, foi considerável o aumento de lares com três gerações vivendo juntas: avós, filhos e netos, em que ambos ou pelo menos um dos pais residia com os avós e os netos (Lopes, Neri, & Park, 2005). Os avós destacavam-se no papel de cuidadores, figuras de apoio emocional e financeiro, assim como de modelo a ser seguido pelos filhos (Araújo, & Dias, 2010).



Já nos anos 90, os avós desempenhavam papel especialmente afetivo junto aos netos e de pouca repreensão, atuando como figuras mediadoras na relação entre pais e netos e perpetuadores da história familiar, revivendo a sua infância e a de seus filhos através das histórias e acontecimentos contados. A década de 2000 marca os variados papéis exercidos pelos avós e o aumento do número de famílias chefiadas e sustentadas pelos mesmos. Além disso, muitos avós passaram a exercer o papel de cuidadores dos netos e, muitas vezes, são os responsáveis por criá-los (Araújo, & Dias, 2010; Falcão, 2012).

No que diz respeito aos avós contemporâneos, estes são mais ativos e economicamente estáveis, mais liberais e atentos aos cuidados com a saúde, em comparação com avós de épocas passadas. Essas diferenças poderão repercutir em novas formas de interação com os netos. Desse modo, é comum hoje em dia que avós e netos realizem variadas atividades juntos (Aratangy, & Posternak, 2010).

É preciso atentar para o fato de que a idade pode ser considerada uma variável importante na interação entre avós e netos. Em uma pesquisa realizada por Araújo e Dias (2002) que buscou conhecer o tipo de apoio oferecido aos netos pelos avós antes e depois do divórcio dos pais, foi constatado que os avós com 65 anos ou menos desempenhavam maior número de atividades com os netos, enquanto que no grupo dos que tinham mais de 65 anos, percebeu-se uma queda na visitação aos netos. Segundo Dutra (2008), é provável que os avós mais novos sintam-se mais dispostos a visitar os netos e desenvolver atividades, sejam elas emocionais ou instrumentais, visto que a condição de saúde destes pode favorecer a interação entre ambos.

Nesse sentido, o papel desempenhado pelos avós nas famílias brasileiras tem se mostrado fundamental, principalmente quando os pais estão inseridos no mercado de trabalho. A rotina de trabalho dos pais modernos pode acabar por favorecer a aproximação entre avós e netos (Pedrosa, 2006), especialmente quando os netos são pequenos, uma vez que o cuidado

nessa etapa seria uma das principais funções desempenhadas pelos avós (Dias, 2002). O cuidado com os netos pode gerar cumplicidade com os avós, seus parceiros nas brincadeiras, passeios e conversas. Assim, a relação entre eles passa da admiração para uma cumplicidade recíproca (Pedrosa, 2006). À medida que os netos crescem, os avós tornam-se confidentes e a quem os netos recorrem para interferir junto aos seus pais (Dias, 2002).

Em um estudo realizado por Cupolillo, Da Costa e De Paula (2001) acerca da família de baixa renda goianiense e os elos parentais, foi destacado o papel dos avós no suporte, na criação e educação dos netos. A maioria dos avós cuidadores apresentados pelo estudo eram do sexo feminino e exerciam a função materna. De acordo com Oliveira, Vianna e Cárdenas, (2010), Cardoso, (2011) e Silva, Magalhães e Cavalcante, (2014), frequentemente, identifica-se que as avós maternas se tornam as cuidadoras substitutas dos netos, assim ficam mais próximas da família, sendo as depositárias da confiança da filha para desempenhar tal função.

Em estudo realizado por Araújo e Dias (2010), cuja finalidade foi investigar as vivências e percepções de avós que criam os netos pertencentes ao nível socioeconômico baixo, foram destacadas as dificuldades financeiras na criação dos netos, assim como a dificuldade de colocar limites aos mesmos. No entanto, a proximidade e o amor recíproco entre avós e netos foram apontados como aspectos positivos, os quais foram associados a sentimentos de felicidade e satisfação, minimizando as dificuldades. Entretanto, alguns avós referiram sentirem-se culpados pela preferência em relação aos netos de que cuidam, em detrimento dos demais. De um modo geral, os avós que integraram esse estudo referiram não medir esforços para cuidar dos netos, pois os benefícios advindos desta convivência proporcionaria energia para continuar a viver.

Além de prestarem apoio, os avós também contribuem transmitindo valores, crenças e experiências, acumuladas ao longo da vida (Dessen, & Braz, 2000; Barros, 1987). Ao se tornarem avós, esses podem não somente assumir os cuidados indiretos com os netos, mas

envolvem-se com seus filhos ensinando-os a serem pais. Não se tornam somente avós, mas continuam sendo pais desses novos pais (Barros, 1987; Cupolillo *et al.*, 2001; Aratagy, & Posternak, 2010). Um estudo realizado por Kipper (2004) do qual participaram 11 avós maternas cujas filhas estavam tendo seu primeiro filho e elas o primeiro neto, e que teve como objetivo analisar o tornar-se avós e o processo de individuação, se evidenciou que para a maioria das participantes, o nascimento do neto foi um momento no qual elas ajudaram suas filhas nos primeiros cuidados com o bebê e permaneceram na casa da filha por alguns dias, para proporcionar assistência em tempo integral à dupla mãe-bebê.

As avós também mencionaram diferenças no papel de avó em relação ao papel de mãe, pois na época dos filhos pequenos tinham uma rotina de trabalho intensa, o que reduzia o tempo disponível para os filhos, especialmente para brincadeiras. Com os netos, como elas dispõem de maior tempo livre, conseguem aproveitar mais, inclusive, sentindo-se mais dispostas e colocando-se na posição de criança, sendo possível também reviver as experiências infantis como netas. Assim, as avós procuraram resgatar a vivência que não tiveram com os filhos e proporcionar ao neto aquilo que gostariam de ter feito com os filhos, mas não conseguiram. Além disso, foi pontuado pelas participantes o sentimento de que seus avós eram distantes, rígidos e poucos carinhosos, comportamentos considerados diferentes dos que elas têm hoje em dia para com os netos (Kipper, 2004). Outro estudo, realizado por Cardoso e Brito (2014), sobre avós que cuidam de netos, o papel de avós foi descrito pelas participantes como de alguém que tem o compromisso de ajudar a cuidar dos netos, associando ao amor incondicional, satisfação, prazer e alegria que obtinham com eles.

Os avós podem ser considerados importante rede de apoio para os familiares proporcionando suporte emocional, instrumental e financeiro para filhos, netos, noras e genros (Dessen, & Braz, 2000; Oliveira, 2007). Entretanto, quando os filhos não assumem os cuidados de seus próprios filhos, na maioria das vezes, os avós acabam por assumir esta

responsabilidade e tornam-se os principais cuidadores substitutos nesta função (Cardoso, 2011). Isso pode ocorrer, concomitantemente, quando os avós ainda se encontram exercendo uma atividade profissional (Aratangy, & Posternak, 2010).

Por outro lado, apesar dos avós dedicarem parte do seu tempo aos netos, mas sem as responsabilidades próprias das funções parentais, eles podem interferir na autonomia dos seus filhos no desempenho da função parental e até mesmo no relacionamento conjugal (Oliveira, 2007). Assim, eles podem influenciar positiva ou negativamente no contexto familiar. Como influência positiva, os avós podem atuar como mediadores dos conflitos entre pais e filhos, no suporte e enfrentamento de situações de crise, ser referência para os netos, além de ter uma nova chance de atuar de modo diferente de quando foram pais ou mães (Kipper, 2004). Como influência negativa, eles podem ser omissos, negligentes e/ou abusivos (Falcão, 2012).

No entanto, é importante considerar que os papéis desempenhados pelos avós no relacionamento com filhos e netos são influenciados pelas transições do ciclo familiar, bem como por situações não previsíveis que possam ocorrer como adoecimento e acidentes, refletindo em todos os membros do grupo familiar e acarretando em novas regras e adaptações no papel que cada sujeito desempenha na família. Desse modo, a forma como cada avô/avó se percebe nessa função e o significado desse papel em suas vidas irá influenciar no estilo das relações estabelecidas com os seus familiares (Falcão, 2012). Frente a isso, este estudo teve como objetivo investigar as “novas” configurações da imagem, do papel e da função das avós maternas na atualidade, assim como apresentar alguns aspectos da relação avó-neto.

## Método

### *Participantes*

Participaram deste estudo dez avós, cujas filhas estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez e eram usuárias de um Programa de Saúde Materno-Infantil. Escolheu-se

este programa em específico em função de que ali se desenvolve um trabalho de atendimento a crianças desde o nascimento até, em média, o segundo ano de vida, cobrindo, o período foco do estudo, que contemplou avós de bebês na faixa etária entre cinco e 28 meses. Dessa forma, através do contato com as mães primíparas que levavam seus bebês às consultas foi possível acessar as suas mães, as avós participantes deste estudo. Os dados relativos às características sociodemográficas das participantes podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos das Participantes

	<b>Idade part.</b>	<b>Profissão</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Idade filha</b>	<b>Idade neto</b>
<b>P1</b>	54	Dona de casa	Casada	36	8 meses
<b>P2</b>	62	Aposentada	Viúva	31	28 meses
<b>P3</b>	48	Doméstica	Divorciada	31	12 meses
<b>P4</b>	43	Doméstica	Casada	25	7 meses
<b>P5</b>	53	Doméstica	Casada	18	9 meses
<b>P6</b>	33	Cozinheira	União Estável	18	24 meses
<b>P7</b>	43	Esteticista	Divorciada	20	12 meses
<b>P8</b>	34	Magarefe	União estável	18	7 meses
<b>P9</b>	45	Dona de casa	Casada	19	14 meses
<b>P10</b>	52	Dona de Casa	Casada	29	5 meses

### *Delineamento e Procedimentos*

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa qualitativa. Essa escolha se deu em razão da complexidade que envolve essa temática, a qual pode ser melhor compreendida e explorada por essa modalidade, uma vez que a pesquisa qualitativa busca identificar os significados presentes na vida individual e coletiva (Minayo, 2013).

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foi estabelecido o contato com a Secretaria Municipal de Saúde para a apresentação do projeto e solicitação da autorização institucional

junto ao representante do Núcleo de Educação Permanente em Saúde - NEPS. Após a aprovação do projeto pelo comitê de ética em pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com a professora de Enfermagem, vinculada à Instituição de Ensino Superior, que é a responsável pelo Programa de Saúde Materno-Infantil, da referida unidade de saúde, com a finalidade de solicitar o consentimento para buscar nos prontuários das crianças atendidas no Programa os telefones das mães primíparas, e a partir da ligação para estas, solicitar o contato de suas mães (avós dos bebês) – as participantes do estudo.

Assim, chegou-se as participantes deste estudo, através do contato telefônico e no momento em que os convites eram aceitos, as entrevistas foram agendadas. As entrevistas aconteceram de acordo com a disponibilidade das participantes, sendo oito realizadas na própria sala do Programa da Criança, a qual é adequada para a realização deste procedimento e duas na residência das participantes tendo em vista a incompatibilidade de horários para se dirigirem até a Unidade Básica de Saúde em decorrência do trabalho.

### *Instrumentos*

Para a realização da coleta dos dados foi utilizado como instrumento uma ficha de contextualização, com a qual se obteve informações das participantes, tais como: idade, ocupação, estado civil, idade da filha primípara e idade do neto. Tais dados contribuíram para contextualizar a realidade estudada. Além disso, foi realizada uma entrevista semidirigida de questões abertas. No que diz respeito à entrevista semidirigida, esta permite uma flexibilidade na direção da entrevista facilitando a coleta de informações baseada no discurso livre do entrevistado, através da introdução de tópicos guia pelo entrevistador, que norteiam para questões mais específicas (Turato, 2003). Assim, no primeiro momento, foi preenchida a ficha de contextualização e, na sequência, foi realizada a entrevista que teve como tópicos guia: a) Relação mãe-filha; b) Mudanças na relação mãe-filha com o evento da maternidade da filha;

c) Papéis desempenhados pela avó no contexto da primeira experiência de maternidade da filha.

#### *Procedimento de Análise dos dados*

A análise dos dados deu-se através da técnica da análise de conteúdo. De acordo com Gomes (2012), as etapas para a realização desta análise compreendem os eixos: leitura, exploração do material e síntese interpretativa. Assim, no primeiro momento foi realizada uma leitura para a familiarização com o material e elaboração dos pressupostos iniciais de análise. No segundo momento, foi feita a classificação de trechos na busca pelos núcleos de sentido. Conforme enfatizado por Bardin (2010), para que os núcleos sejam encontrados é necessário que o texto das entrevistas seja analisado a partir do referencial teórico que abarca a temática. Assim, para que fosse possível realizar a categorização, relacionou-se o material obtido pelas entrevistas com os pressupostos teóricos obtidos em momento anterior. Ao final, buscou-se a relação entre os temas classificados com os objetivos e pressupostos da pesquisa.

#### *Procedimentos éticos*

Destaca-se, que o presente estudo atendeu a todas as exigências da ética em pesquisa segundo a resolução n.466/2012, do Conselho Nacional de Pesquisa, obtendo aprovação CAEE 37519914.8.0000.5346 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição na qual as pesquisadoras estão vinculadas. Além disso, todas as participantes ficaram cientes do objetivo do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ressalta-se ainda que todos os nomes aqui apresentados são fictícios, buscando-se preservar a identidade das participantes.

### Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo serão apresentados em duas categorias, quais sejam: *1. Transição na imagem e no comportamento da avó na atualidade* *2. Os papéis desempenhados pelas avós no contexto da maternidade da filha.* Na primeira categoria serão destacadas as

mudanças percebidas na imagem e no comportamento das avós, o que sinaliza as transformações pelas quais elas estão passando, incluindo alguns aspectos da relação avó-neto. Assim, esta categoria é composta por duas subcategorias: 1.1. *A imagem e o comportamento das avós* e 1.2. *A relação avó-neto*. A segunda categoria, por sua vez, tem como destaque apresentar os papéis desempenhados pelas avós no contexto da maternidade da filha.

### *1. Transição na imagem e no comportamento da avó na atualidade*

#### *1.1) A imagem e o comportamento das avós*

Entre os principais pontos que diferenciam o modelo da avó tradicional para a avó dos tempos modernos está à entrada da mulher no mercado de trabalho. Além disso, com o aumento na expectativa de vida, atualmente as avós podem ser pessoas jovens (Dutra, 2008):

*“Eu pensava [ser avó jovem] por que eu fui mãe muito jovem, muito novinha, então, pelo andar da carruagem se esperava que eu fosse ser avó nova também”* (P7, 43 anos); *“Tô’ novinha ainda! [riso] foi novo [tornar-se avó], mas foi muito bom”* (P9, 34 anos).

Observou-se que algumas das avós entrevistadas, talvez por conta da idade, têm uma vida bastante ativa, ainda encontram-se inseridas no mercado de trabalho:

*“[...] eu não pude ajudar porque eu estava trabalhando [quando nasceu a neta]”* (P3, 48 anos); *“Eu vou trabalhar, eu saio de manhã e volto de tardezinha [...]”* (P5, 53 anos).

Assim, percebe-se que as avós são mulheres relativamente jovens e atuantes, o que corrobora com Aratangy e Posternak (2010). Algumas avós participantes se tornaram mães ainda adolescentes, o que as torna avós jovens (Araújo, & Dias, 2010). A faixa etária das dez participantes variou entre 33 e 62 anos, sendo que apenas uma delas tinha mais de 60 anos, e seis desempenhavam uma atividade remunerada, fora do contexto doméstico familiar. As avós



que não estavam inseridas no mercado de trabalho, contudo, eram as responsáveis pelos cuidados da casa, preparo da alimentação da família e cuidado dos netos, o que reflete em uma rotina também ativa.

Assim, ao mesmo tempo em que se percebe uma mudança na imagem das avós, diferente daquelas personagens de cabelos brancos, sentadas na cadeira de balanço, fazendo crochê (Dias, 2002; Dutra, 2008; Aratangy, & Posternak, 2010), já é possível identificar um reconhecimento nessa nova imagem e no comportamento, como apontado por uma participante:

*“Eu não acho que são mais aquelas avós das antigas, porque as avós participam de tudo. Como eu né, eu vou para os passeios do Rafael [neto], eu vou para as excursões, eu vou pra tudo já com ele. Então não é mais aquela vizinha de bengala que antigamente era, porque a minha avó era bem velhinha e agora as avós são bem mais jovens [...] Eu estou trabalhando, estou na escola, estou nos bombeiros, ele [neto] vai na escola dos bombeiros, e vai lá e leva na escolinha dos bombeiros, participo das festas, é aquela ‘coisarada’ né” (P5, 53 anos).*

Em relação à idade mais jovem e, portanto, à aparência física das avós de hoje, uma avó comenta sobre um diálogo entre seu neto e ela: *“Ah, eu não vou te chamar de vó’- ele disse. ‘Eu vou chamar a bisa de vó, que a bisa é mais velha. Eu vou te chamar de Maria com carinho, ‘tá’ vó [neto]’[riso]” (P5, 53 anos).* Com essa fala fica evidente que a imagem das avós vem se distanciando daquela imagem tradicional das avós de antigamente, como bem apontaram Aratangy e Posternak (2010).

Entre as características observadas no comportamento das avós participantes deste estudo, destaca-se o modo como uma avó relata se distrair e se divertir:

*“Eu sou assim, sou daquelas pessoas que eu, para me distrair eu tenho que estar curtindo uma música, entendeu... Essas músicas sabe, dessa época, de agora. Então*

*eu canto, eu danço. Eu tenho o meu momento e o meu momento é esse, de me alegrar com os meus amigos. Se eu vou ficar de cara amarrada, eu vou tornar a vida mais difícil do que ela é. Então, é uma maneira que eu também tenho de aliviar, que é cantando, é dançando, mas ao mesmo tempo sendo responsável” (P4, 43 anos).*

A forma encontrada por essa participante para se descontrair sinaliza um comportamento que se assemelha ao visualizado nos jovens. Esse relato associado a outros aspectos apontados pelas participantes levam a pensar sobre a imagem das avós atuais e as mudanças pela quais elas vêm passando (Dutra, 2008; Aratangy, & Posternak, 2010; Cardoso, 2011; Cardoso, & Brito, 2014).

Observando-se as falas das participantes, fica claro que associar “ser avó” com a imagem de uma pessoa idosa representa uma visão limitada e restrita deste papel. Além do mais, é cada vez mais comum encontrar avós em plena maturidade, desfrutando de boas condições físicas, desenvolvendo seus projetos e envolvidas em seus interesses (Araújo, & Dias, 2010). Considerando-se o comportamento das avós com os netos, de um modo geral, elas se colocaram como alguém que está disponível para brincar e interagir com eles, sendo o momento em que estão juntos marcados pela alegria e satisfação:

*“Eu sou louca pelos meus netos. Eu corro, brinco [...] Colocaram cama elástica, lá estava eu pulando na cama elástica. Colocaram os cavalinhos, eu estava andando nos cavalinhos. Ah, eu não tem, eu gosto de estar junto com os netos brincando. Mas, se tiver que brincar na terra, eu vou na terra brincar com eles (P2, 62 anos)”;* *“Nós fazemos folia, ela grita, ela é bem escandalosa, fala comigo, eu converso com ela. Ela me mostrou o que estava na parede, que a mãe dela fez, tirou um retrato dela, tudo o jeito que ela fazia. Ela fazia assim [gesticulando as caretas que a neta fazia]. Cada caretinha era uma foto, e ela fazendo biquinho. Daí eu digo ‘mas que coisa’ – eu*

*falando com ela – e eu e ela assim, né, e ela não tinha nem um aninho ainda” (P3, 48 anos).*

Através desses relatos, nota-se que as avós se veem participativas e disponíveis para interagirem com os netos, o que parece evidenciar sentimentos muito prazerosos. Além disso, a disposição para interagir com os netos também é um importante aspecto da relação avó-neto, que pode ser favorecido pelas boas condições físicas e de saúde da avó, como se percebe na fala da P2. Isso foi observado no estudo de Araújo e Dias (2002), em que os avós com 65 anos ou menos desempenhavam maior número de atividades com os netos, em relação aos avós com mais idade.

A partir dos aspectos destacados sobre a “nova” imagem e o comportamento das avós, entende-se que a relação avós-netos também pode estar sendo modificada. No que segue, serão abordados alguns aspectos relatados pelas avós participantes acerca da sua relação com os netos.

### *1.2) A relação avó-neto(a)*

Sabe-se da importância que tem o convívio entre pais e filhos para a construção dos vínculos. Além disso, a aproximação entre avós e netos pode favorecer para que barreiras sejam rompidas, preconceitos eliminados e discriminações vencidas (Oliveira *et al.*, 2010). Nesse sentido, no presente estudo ressalta-se que todas as avós possuíam um contato frequente com suas filhas primíparas e seus netos, o que certamente contribuiu para a relação de proximidade, cuidado e afeto. A partir do relato de duas participantes, pode-se ilustrar o contato entre avós e netos e o vínculo que existe entre eles:

*“Ele teve lá em casa de manhã, almoçou e daí foram para casa. Para ir para casa ele já chora, ele não quer sair de lá. Daí eu tinha que ir lá de tarde [na casa da filha], daí ele [neto] viu que ia vim embora, aí ele pegou, me chamou lá onde tem os brinquedos dele ‘cá vó, cá vó’ - daí eu fui lá: ‘senta, senta’ - me mandou sentar. ‘Senta qui vó,*

*sentada qui vô' - tive que sair correndo para ele não me ver” (P2, 62 anos); “Domingo eu peguei ela e fui passear com ela na pracinha. Arrumei a bolsinha dela e voltamos de tardezinha. Ela foi bem faceira, ela foi bem tranquila” (P5, 53 anos).*

Desse modo, salienta-se que quanto maior for o contato entre avós e netos, maiores serão as chances de desenvolverem uma relação sólida (Oliveira *et al.*, 2010) e de compartilharem momentos prazerosos. Além disso, é na convivência diária que a experiência de vida é passada de uma geração para outra, através das trocas que ocorrem entre os membros da família. Desta forma, a interação familiar é benéfica tanto para os avós quanto para os netos, conforme vão se desenvolvendo os laços afetivos (Mazutti, & Scortegagna, 2006).

Ainda, para a P2, o nascimento dos netos possibilitou que ela desfrutasse desse momento com uma intensidade diferente do que foi com os filhos, cuja sensação é de estar se tornando criança novamente:

*“Eu acho que eu sou mais... como é que eu vou dizer... eu me tornei mais criança com os netos do que com os filhos. Com os filhos eu não brincava tanto quanto eu brinco com os netos” (P2, 62 anos).*

Isso leva-nos a inferir que neste momento a avó estaria vivenciando uma fase tranquila de sua vida, em que está aposentada, e dispõe de mais tempo livre para aproveitar o convívio com os netos, diferente do que foi com os filhos, pois naquela época precisava dividir seu tempo entre o trabalho, à família e as atribuições domésticas. Isso também pôde ser evidenciado no estudo realizado por Kipper (2004), em que a avó destacava as diferenças entre o papel de avó e o de mãe. Salienta-se também que a possibilidade da avó desfrutar com o neto de uma experiência prazerosa, pode estar relacionado à menor responsabilidade parental, tendo em vista que tal tarefa é realizada pelos pais.

Além disso, a relação avó-neto foi destacada com sentimentos de cuidado e zelo, conforme o relato seguinte:

*“Eu dou a vida por eles. Eu podendo fazer, eu faço. Se tiver que sair daqui de madrugada para ir lá para o bairro onde ela mora, eu vou. Levanto de madrugada e vou tirar ficha se tiver que ir. Saio para cá, saio para lá se precisa ir, para qualquer um deles [netos]”* (P2, 62 anos); *“O João é esperto, conversa, é saudável, sabe, bom ele é o meu amor”* (P4, 43 anos).

Nos relatos das participantes fica evidente o comprometimento que o ser avó implica nos cuidados com o neto, mesmo não sendo responsabilidade sua. Aliado a isso, tem o sentimento de “amor sem medidas” para com o neto, marca dessa relação. Esse aspecto foi ressaltado por Cardoso e Brito (2014), que afirmam que esses sentimentos parecem evidenciar a satisfação que as avós obtinham pela convivência com os netos. Além disso, a P4 ao apresentar o neto como sendo uma criança ‘esperta’ e que ‘conversa’, sinaliza o quanto para ela, o neto é uma criança interessante, investida e amada, que ocupa um lugar especial na sua vida. Desse modo, a relação avó-neto parece ser marcada por intensos sentimentos afetuosos.

O carinho, o afeto e a satisfação também puderam ser observados através do relato da P10, em que ela mencionou com satisfação os registros do desenvolvimento do neto realizado pelos pais através de fotos, desde o nascimento do bebê:

*“Tem tudo, tudo! [registrado] Desde o nascimento, o primeiro choro... Ele [genro] dá banho, ele passa para o meu celular, passa para as gurias, é retrato na máquina... todas essas fotos que ela tem do guri que ela faz. Ela levou agora semana passada, para ele tirar foto, lá naquela casa de foto. Tem CD com dizer passando as fotos dele na televisão, tem da hora do banho, do choro, do primeiro choro ela gravou. A primeira risada foi ela que gravou no celular dela e ela passa para nós”* (P10, 52 anos).

Assim, percebe-se, outro aspecto presente na vivência das avós, que utilizam os meios tecnológicos para acompanhar diariamente o desenvolvimento dos netos, aspecto que as faz sentirem-se mais próximas deles. Ainda, pelo relato de P10, nota-se a valorização e a descoberta de cada passo do crescimento do neto, assim como é maior a manifestação espontânea dos sentimentos, sendo essas atitudes percebidas nos avós de hoje (Pedrosa, 2006). Além disso, o registro pode ser uma forma de guardar os momentos especiais.

Ainda, no que se refere à relação com o neto, as participantes mencionaram a permissividade como sendo característica das avós. A esse comportamento elas atribuíram a denominação de “estragar” os netos:

*“Tem muita avó que estraga a criança, que faz todas as vontades da criança”* (P8, 45 anos); *“Quando precisa ele fica, mas a minha filha não gosta de deixar ele muito comigo por eu estrago ele. Ela traz ele na rédea curta e eu quando ele chega lá em casa eu solto ele ‘vá brincá’.* *Ele chega lá, ele faz o que quer, eles vão e pronto”* (P2, 62 anos).

Nesse sentido, pode-se pensar que o ser avós, para as participantes, parece estar associado a uma vivência prazerosa e leve, em que as maiores responsabilidades pela criança estariam sendo assumidas pelos pais, liberando-as para aproveitar esse momento de um modo mais lúdico. Além disso, a casa dos avós pode ser um local de limites menos severos do que aqueles colocados pelos pais, como se pode notar na fala da P2. Assim, faz parte da relação avós-netos a aliança, em que é permitido ao neto fazer determinadas coisas que os pais não deixariam. No entanto, essas transgressões permitidas pelos avós devem ser exceções, a fim de que isso não interfira na relação dos pais com os avós e afaste-os do contato com o neto, ou que venha a causar algum problema para a criança (Aratangy, & Posternak, 2010).

Considerando-se a relação avó-neto e o vínculo entre eles, torna-se importante conhecer quais os papéis desempenhados pelas avós na atualidade. Isso poderá proporcionar

um melhor entendimento acerca das mudanças vivenciadas pelas avós e como isso vem refletindo nas relações familiares, especialmente com a filha e o neto.

*2) Os papéis desempenhados pelas avós no contexto da maternidade da filha*

Atualmente, os avós têm desempenhados diversos papéis, tanto na sociedade quanto na família (Falcão, 2012; Oliveira, & Karnikowski, 2012). Através do relato das participantes foi possível observar os papéis desempenhados pelas avós no contexto da maternidade da filha. Entre eles salienta-se o papel de apoio após o nascimento do neto, tendo em vista que a filha se encontrava em processo de recuperação do parto:

*“Ela ganhou nenê, ficou uns dois meses lá em casa, depois ela foi para a casa dela. Ela ficou até ela se recuperar, ela fez cesariana. Eu preparava a água do banho e cuidava dele. E cuidava das roupinhas, eu lavava, ela passava” (P1, 54 anos); “[...] quando ela veio do hospital, eu tomei conta da guria [neta]. Eu dei banho no início. Eu disse para ela que daria banho até ela completar um mezinho, ‘depois tu [filha] dá” (P8, 45 anos).*

Estar à disposição da filha no momento do nascimento dos netos, como foi apontado por duas participantes, é uma característica que parece demonstrar a preocupação e o envolvimento da mãe para com a filha. Assim, para as avós o nascimento do neto pode implicar não somente vivenciar o ser avó, mas também ensinar aos novos pais a serem pais (Barros, 1987; Cupolillo *et al.*, 2001; Aratangy, & Posternak, 2010), através da transmissão do conhecimento adquirido com a experiência de vida (Dessen, & Braz, 2000).

Para outras participantes, o papel de apoio prestado à filha ocorreu através da disposição para ajudá-las nos momentos de adoecimento do neto e quando elas necessitassem sair em decorrência de seus compromissos. Ainda, destaca-se que a avó pode desempenhar o papel de orientadora, tanto no auxílio da filha na educação do neto como na relação mãe-bebê:

*“Se o Pedro estava com dor de barriga, a primeira coisa ela ligava ‘mãe o Pedro está com dor de barriga’ – daí eu digo ‘quer que eu vá pra ir ajudar, ficar contigo, te ajudar com ele?’ ‘Não mãe, estou só lhe avisando, mas não precisa a senhora vim’”(P2, 62 anos); “Quando ela sai, quando ela vem no médico, ela deixa comigo (P8, 45 anos); As avós tem que ajudar, orientar, dar um puxão de orelha às vezes no neto, dizer alguma coisa. Tem que chamar atenção, ajudar ela [filha], orientar elas” (P3, 48 anos); “Daí eu expliquei para ela: ‘não Letícia, eles não conhecem a tua voz, não sabem o que tu está falando, inclusive quando ele nascer tu tens que falar para ele conhecer a tua voz para ele não se sentir sozinho’” (P4, 43 anos).*

Os avós desempenham um papel fundamental quando atuam como companheiros dos pais na missão de cuidar dos netos (Oliveira, 2007). Eles orientam os filhos, transmitindo o conhecimento adquirido em sua própria experiência enquanto pais. Assim, de acordo com Barros (1987), os avós podem ser considerados socializadores da maternidade e da paternidade, na medida em que auxiliam e orientam os novos pais a desempenharem as suas funções e adaptarem-se às mudanças proporcionadas pelo nascimento do neto.

Ainda, apesar deste estudo não ter como foco avós que criam os netos, é importante salientar este papel que tem sido desempenhado por muitos avós na atualidade (Lopes *et al.*, 2005; Araújo, & Dias, 2010), assim como pela participante P10. Para ela, o papel de avó guardiã das netas é visto como sendo:

*“É o papel de pai e mãe, como eu agora. Eu não sei o que seriam dos netos sem os avós por que na minha vila, o que tem de avó e avô que cuidam dos netos... Não é só eu que passa por isso porque ali na minha vila o que tem de avós cuidando dos netos... Eu vejo levando para a creche, buscando, um filho que está no prézinho [...] Uns se separam, ficam com a avó. Eu não sei nesse mundo o que seria dos netos sem os avós. Como eu... essas guriazinhas [netas] iriam para a adoção” (P10, 52 anos).*



Como apontado pela participante, muitos são os papéis ocupados pelos avós nos cuidados com os netos: alguns desempenham o papel de cuidadores por tempo determinado, especialmente como suporte para os filhos desempenharem suas atividades profissionais, provendo-lhes alimentação, atenção e cuidado durante todo o dia (Oliveira, 2007), outros desempenham todas as funções parentais, ou seja, são avós em tempo integral (Araújo, & Dias, 2010), como no caso desta participante, em que ela e o esposo assumiram a criação das netas gêmeas que foram deixadas pela filha com um mês de vida, pois a mãe era dependente química.

Vale ressaltar que assumir a criação dos netos não é tarefa fácil (Oliveira, 2007). Além disso, essa função pode interferir na experiência dos avós de viverem apenas o ser avós (Dutra, 2008). Nota-se a preocupação dessa avó frente a essa situação: *“Eu pensava: ‘Será que eu vou conseguir cuidar das duas? Dar banho, de noite, para cuidar, enquanto uma dorme e daqui a pouco a outra se acorda... Vai ser uma luta né [...]’”* (P10, 52 anos). Além disso, com a chegada das netas houve o medo que isso poderia interferir no relacionamento conjugal da avó: *“Eu fiquei com medo quando as guriázinhas foram lá para a casa, até dele [esposo] se retirar ou ir embora, sabe, por que eu não ia ter tempo para ele [...]”*. A presença de sentimentos como medo frente ao novo desafio, a possibilidade de perda - tanto da liberdade e da privacidade, quanto do esposo, são sentimentos passíveis de serem visualizados diante de situações novas, como esta que envolve a criação dos netos pelos avós (Araújo, & Dias 2010). No entanto, no caso da P10, parece que o envolvimento com a chegada das netas contribuiu para a união da família, que conseguiu dar conta desta situação, superando as adversidades e temores.

#### Considerações Finais

Com o passar do tempo tem-se reconhecido mudanças atreladas à imagem e ao papel dos avós. Com este estudo foi possível perceber que as avós podem ser pessoas jovens, que estão em um período profissionalmente produtivo e desempenham um papel ativo, tanto na esfera familiar quanto social.

Além da idade, a imagem das avós também estaria passando por mudanças no que diz respeito ao comportamento. Evidenciou-se, que as avós são participativas e disponíveis para interagirem com os netos, aspecto que parece ser importante para a relação avó-neto. De um modo geral, para as participantes do estudo a relação avó-neto foi marcada por intensos sentimentos afetivos e de satisfação. Outro aspecto destacado refere-se ao comportamento de permissividade, associado à realização das vontades dos netos. Isso pôde ser percebido à medida que as maiores responsabilidades pela criança foram assumidas pelos pais, liberando as avós para aproveitar essa vivência de um modo mais lúdico.

Nesse sentido, entre os papéis desempenhados pelas avós no contexto da maternidade da filha, destaca-se o papel participativo, em que as avós estiveram presentes fornecendo o apoio necessário, em decorrência do nascimento do neto. Além disso, salienta-se o papel de orientadora, tanto no auxílio da filha na educação do neto como na relação mãe-bebê e na transmissão do conhecimento.

Frente aos achados deste estudo e considerando a importância que os avós representam no contexto familiar, sugere-se à realização de novas pesquisas, a fim de conhecer melhor as especificidades da vivência das avós no contexto atual. Além disso, e não menos relevante seria conhecer, a partir da perspectiva dos filhos, como eles percebem o apoio prestado pelos seus pais nas situações que marcam os momentos de transição familiar, como pode ser o nascimento de um filho. Isso viria a enriquecer o entendimento acerca do papel da avó e do avô no contexto da maternidade.

Por fim, salientam-se as limitações deste estudo tendo em vista que o mesmo foi realizado em um contexto público de saúde, no qual as participantes compartilhavam realidades muito semelhantes. Desse modo, considerando-se a pluralidade presente no contexto brasileiro, sabe-se que diferenças podem ser encontradas em outros contextos socioculturais e econômicos. Além disso, levando-se em consideração o aumento na expectativa de vida, que tem possibilitado o maior contato entre as gerações, considera-se importante pensar em ações que possam tornar os avós mais inseridos, proporcionando espaços de trocas entre as diferentes gerações.

Nesse sentido, proporcionar espaços nos próprios serviços de saúde, nos quais os avós possam participar, trocar experiências, tanto com profissionais quanto com outros avós, possivelmente seria uma experiência enriquecedora, pois pode-se identificar o interesse das avós em compartilhar suas histórias.

### Referências

- Aratangy, L. R., & L. Posternak. (2010). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?* São Paulo: Primavera Editorial.
- Araújo, M. R. & Dias, C. M. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(1), 91-101.
- Araújo, C. P. D., & Dias, C. M. (2010). Avós guardiões de baixa renda. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 4(2), 229-237.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade e Afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI*. Curitiba: Juruá.
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. D. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico USF*, 19(3), 433-441.
- Castellon, A. B. (2004). Figuras da parentalidade: o pai, o avô. A psicodinâmica do avô. In: Solis-Ponton (Org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (p.141-157). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12* (2012). Recuperado em 12 de junho de 2014, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.

- Cupolillo, M. V.; Da Costa, A. & De Paula, J. T. (2001). Os avós como suporte na criação de netos. In: S. M. Gomes, & I. Rizzini (Org.). *Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais* (p. 117-135). Goiânia: Cãnone Editorial.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-223.
- Dias, C. M. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista Symposium*, 6(1/2), 34-38.
- Dutra, H. M. (2008). *O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Falcão, D. V. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In: Makilin, N. B.; Maycoln, L. T. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (p. 100-111). Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, R. (2012). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade* (pp.79-108). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kipper, C. (2004). *O tornar-se avó no processo de individuação*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Lopes, E., Neri, A. L., & Park, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre envelhecimento*, 8(2), 239-253.
- Mazutti, C., & Scortegagna, H. D. M. (2006). Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara-RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3(2), 101-112.
- Minayo, M. C. S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. ed. São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, M. R. de. (2007). *Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Oliveira, A. R. V., & Karnikowski, M. G. (2012). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. *Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*. 15(1), 145-158.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L. G., & Cárdenas, C. J. D. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 461-74.
- Pedrosa, A. S. (2006). *Homens idosos avôs: significado dos netos para o cotidiano*. São Paulo. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Silva, T. S., Magalhães, C. M. C., & Cavalcante, L. I. C. (2014). Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(1), 49-60.
- Turato, E. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado por este estudo sinaliza a singularidade que tem o nascimento de um bebê para as relações familiares, em especial para a relação mãe-filha. A partir desse acontecimento em que a filha torna-se mãe e a mãe torna-se avó surge o elo que pode aproximá-las, uni-las e ambas vivenciarem novos papéis com um colorido diferente do já experimentado.

Os resultados deste estudo apontam para a importância que o nascimento do neto teve no resgate do vínculo mãe-filha. Com isso, a demonstração de afeto tornou-se mais evidente, o que parece ter contribuído para a reaproximação entre elas. Além disso, destaca-se a autonomia e a independência das filhas ao tornarem-se mães, assumindo com responsabilidade e maturidade as tarefas inerentes a essa nova experiência. Essa atitude das filhas frente à maternidade lhes conferiu o reconhecimento positivo por parte de suas mães.

Frente a isso, pode-se inferir que tal atitude das filhas proporcionou a maioria das mães, vivenciarem o ser avó de forma plena, ou seja, desfrutar dessa experiência com prazer e leveza, sem ter o peso das responsabilidades parentais dos netos. Assim, ser avó foi descrito pelas participantes como sendo uma vivência marcada pelos sentimentos alegres e de satisfação. Esses sentimentos parecem refletir o envolvimento e o investimento afetivo da avó para com a filha e o neto, em um momento em que novas e intensas emoções estão sendo experienciadas tanto pelas filhas que se tornaram mães quanto pelas avós.

Nesse sentido, a relação avó-neto foi marcada por sentimentos de carinho, amor e alegria. O prazer e a satisfação de estar com o neto parecem estar evidenciando a interação que existe entre eles. Desse modo, percebeu-se um sólido vínculo entre avós e neto, além delas serem avós participativas e disponíveis para ele, tanto no diz respeito aos momentos lúdicos, para as brincadeiras, quanto nos momentos de cuidado, como no adoecimento do neto.

A interação avó-neto descrita pelas participantes também evidencia sinais uma avó em “transformação”. Isso se deve a capacidade de expressar os seus sentimentos com muita espontaneidade e interagir com os netos em brincadeiras que exigem certa condição física e resistência. Assim, observou-se através deste estudo que as avós são relativamente jovens e apresentam uma vida ativa, tanto no contexto familiar quanto socialmente, sendo que uma parcela significativa das mesmas está inserida no mercado de trabalho. Além disso, percebem-se mudanças na imagem e no comportamento das avós atuais que as distancia das avós de antigamente, confirmando as evidências que a literatura tem apontado.

No entanto, com o decorrer do tempo, o papel de apoio desempenhado pelas avós tem se mantido e elas representam um dos principais suportes na transmissão do conhecimento, orientação e apoio, tanto emocional quanto instrumental, à filha quando esta se torna mãe. Assim, o papel participativo tem se mostrado fundamental nos momentos de transição, como é no nascimento do neto, aqui com destaque para a primeira experiência de maternidade da filha.

Ainda, salienta-se a importância do papel de avó guardiã, ficando sob sua responsabilidade o cuidado integral das netas, como observado neste estudo. Apesar de desafiador este papel também proporciona recompensas gratificantes, como a aproximação e fortalecimento dos vínculos entre avós e netos e a sensação de renovação que estes podem proporcionar a vida dos avós, provendo forças para continuarem a viver de forma satisfatória.

Ressalta-se que o intuito deste estudo não foi generalizar os resultados aqui apontados, mas apresentar de forma mais aprofundada, pela perspectiva da avó, a sua experiência acerca da relação mãe-filha quando a sua filha torna-se mãe. Salienta-se que o estudo foi realizado com avós que residiam em uma comunidade de baixa renda, cuja filha estava vivenciando sua primeira experiência de maternidade e estava em um relacionamento com companheiro presente. Entretanto, é possível que vivências diversas não tenham sido acessadas. Assim, outras perspectivas podem ser conhecidas a partir de estudos realizados com diferentes grupos sociais e levando-se em consideração diferentes critérios de inclusão.

Destaca-se que esse estudo alcançou seus objetivos, possibilitando conhecer a relação mãe-filha no contexto da primeira experiência de maternidade da filha, assim como as imagens, os papéis e os comportamentos desempenhados pelas avós no contexto investigado. Além disso, muitos dos resultados apontados foram ao encontro do que a literatura já sinalizava acerca desta relação. Por fim, entende-se que os achados aqui descritos poderão contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito de como se dá a relação mãe-filha nos momentos de transição, como é o nascimento de um neto, especialmente no contexto nacional, o qual ainda carece de pesquisas envolvendo esta temática.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, A. et al. O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. **Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**, v. 15, n. 2, p. 159-176, 2012.

ARATANGY, L. R.; L. POSTERNAK. **Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?** São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

ARPINI, D. M. et al. **Intervenções Precoces na Infância: um projeto junto ao Programa da Criança de uma Unidade Básica de Saúde. Projeto de Extensão.** Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

ARPINI, D. M. et al. **Promoção de saúde a bebês atendidos em uma unidade de atenção básica: o olhar voltado para indicadores de risco clínico ao desenvolvimento infantil.** Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

ARPINI, D. M. et al. Intervenções precoces na infância: observando a relação mãe-bebê em um serviço de saúde. **Psicologia em Revista**, v.21, n.1,p. 37-49, 2015.

ARAÚJO, M. R.; DIAS, C. M. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, n. 1, p. 91-101, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2010.

CARDOSO, A. R. **Avós no século XXI.** Curitiba: Juruá, 2011.

CASTELLON, A. B. Figuras da parentalidade: o pai, o avô. A psicodinâmica do avô. In: SOLIS-PONTON (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p.141-157, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 016/2000.** Disponível em <[http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000\\_16.pdf](http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000_16.pdf)> Acesso em 13 de maio de 2014.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12.** Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2014.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013.

CUPOLILLO, M. V.; DA COSTA, A.; DE PAULA, J. T. Os avós como suporte na criação de netos. In: **Desenhos de família: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais**. Goiânia: Cãnone Editorial, p.117-135, 2001.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-223, 2000.

DIAS, C.; HORA, F; AGUIAR, A. G. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010.

DIAS, C. M. A influência dos avós nas dimensões familiar e social. **Revista Symposium**, v. 6, n.. 1/2, pp. 34-38, 2002.

DIAS, A. C.; LOPES, R. de C. S. Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. especial, 2003.

DORNELAS, K.; GARCIA, A. O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. **Interação em Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 333 – 344, 2006.

FALCÃO, D. V. A pessoa idosa no contexto da família. In: MAKILIN, N. B.; MAYCOLN, L. T. (Orgs.). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, p. 100-111, 2012.

FELICE, E. M. De. Transformação e “cura” através da experiência de ser mãe. **Psychê**, São Paulo, n. 21, v.11, p. 145-159, 2007.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas** v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.



GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In MINAYO, M. C. S. (Org.), **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 79-108.

GOMES, A., RESENDE V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v.20, n. 2, p.119-125, 2004.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KIPPER, C. **O tornar-se avó no processo de individuação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KIPPER, C.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, n. 1, v. 22, p. 29-34, 2006.

LOPES, E.; NERI, A. L.; PARK, M. B. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. **Textos sobre envelhecimento**, v. 8, n. 2, p. 239-253, 2005.

LOPES, R. S.; PROCHNOW, L. P.; PICCININI, C. A. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. **Psicologia em Estudo**, n.2, v.15, p. 295-304, 2010.

MAINETTI, A. C.; WANDERBROOKE, A. C. Avós que assumem a criação de netos. **Pensando Famílias**, v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez**. São Paulo: Saraiva, 1997.

MARIANO, F. L. R. **Interações entre avós e seus netos com deficiência: Uma experiência em musicoterapia**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, n.7, v.2, p. 237-250, 2002.

OLIVEIRA, M. R. de. **Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PROCHNOW, L. P. **A relação da mãe em situação de depressão com suas figuras femininas de apoio**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. Apoio social e experiência da maternidade. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, n.1, v. 16, p. 85-96, 2006.

RUFINO e SILVA, T. et al. Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 1, p. 49 – 60, 2014.

STERN, D. N. **A Constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TURATO, E. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Manual de Dissertações e Teses da UFSM: estrutura e apresentação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R. **A experiência da maternidade pela primeira vez: sentimentos e percepções maternas**. 2013. Monografia (Trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - FICHA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_

Trabalha fora: ( ) Sim ( ) Não

Atividade desempenhada: \_\_\_\_\_

Mora com que:

( ) Sozinha ( ) Marido ( ) Filho ( ) Nora ( ) Filha ( ) Genro ( ) Neto(s)

Número de filhos: \_\_\_\_\_

SEXO	IDADE

Número de netos: \_\_\_\_\_

Idade da filha primípara: \_\_\_\_\_

Idade do neto (filho da mãe primípara): \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Relação mãe e filha**

Antes da sua filha (nome) ser mãe, como era a relação entre vocês?

Como foi para você/senhora a experiência de tornar-se avó? E quando nasceu o filho da (nome da filha)? (Caso não seja o 1º neto) Como a senhora se sentiu?

O nascimento do seu neto fez você/senhora lembrar, de alguma forma, de momentos vividos por você?

Como você/senhora imaginava que seria a relação entre você/senhora e sua filha quando ela se tornasse mãe?

### **Mudanças na relação mãe-filha com o evento da maternidade da filha**

E depois do nascimento do seu neto (nome criança), como é a relação entre você/senhora e sua filha? (Caso haja referência a mudanças na relação mãe/filha) Que mudanças foram identificadas?

Como você/senhora sente essas mudanças?

Essas mudanças, de alguma forma, interferiram na sua vida?

Como você/senhora percebe a sua filha como mãe?

Você/senhora acha que houve mudanças em relação ao lugar que você/senhora ocupa na vida da sua filha após ela ter se tornado mãe?

### **Papéis desempenhados pela avó no contexto da primeira experiência de maternidade da filha**

Com o nascimento do (nome neto) teve alguma mudança na sua rotina?

Você/senhora foi solicitada por sua filha para ajudá-la em decorrência do nascimento do (nome do neto)? Se sim, em que momento?

Em quais atividades você/senhora foi mais solicitada para ajudar sua filha em relação à maternidade dela? Como você/senhora se sente com isso? Gostaria que algo fosse diferente?

Se não foi solicitada, como a senhora se sente?

Como a senhora percebe o envolvimento do seu genro na relação familiar (com foco no momento da maternidade)?

Em que momentos/atividades a senhora identifica que seu genro está mais envolvido?

Este envolvimento (caso tenha sido identificado) interfere na sua relação com sua filha?

Como a senhora percebe isso? Gostaria que fosse diferente?

A senhora identifica mudanças nas relações familiares no momento da maternidade, considerando a sua experiência como mãe e como avó? Em caso afirmativo, quais seriam essas mudanças?

Na sua percepção, hoje, qual o lugar ocupado pelas avós nas famílias?

Tem mais alguma coisa que você/senhora gostaria de me contar?

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora responsável: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dorian Mônica Arpini; Edinara Zanatta

Endereço: Cidade Universitária, Bairro Camobi – Santa Maria/RS. Prédio 74-B, sala 3208.  
Telefone: (55) 3220-9304.

**Pesquisa:** As transformações na relação mãe-filha com a chegada de um bebê: o ponto de vista da avó materna.

Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo investigar a percepção de avós acerca da relação mãe-filha no momento em que sua filha vivencia a maternidade pela primeira vez. Participarão deste estudo avós cujas filhas estão vivenciando a maternidade pela primeira vez e que participem do Programa da Criança da Unidade Sanitária Kennedy no acompanhamento de seus bebês. Para a coleta de dados serão realizadas entrevistas semidirigidas e grupos focais com as participantes. As entrevistas serão agendadas conforme a disponibilidade das participantes, assim como a escolha acerca de qual grupo focal irá participar. As entrevistas e os grupos focais serão gravados e posteriormente transcritos para análise do material. Ressaltamos que sua identidade assim como a das demais participantes será mantida em sigilo, sem identificação de nomes ou outra informação que possam vir a identificá-las.

Você poderá solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, podendo interromper sua participação a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo. Considerando as técnicas a serem utilizadas para a realização desta pesquisa, bem como o fato de que esta não tem por objetivo testar nem experimentar procedimentos novos, julga-se, portanto, a existência de riscos mínimos para você e as demais participantes. Contudo, caso sejam identificadas situações, durante a realização das entrevistas e dos grupos focais de desconforto psicológico a pesquisadora responsabilizar-se-á por avaliar

a situação e, se houver necessidade de atendimento psicológico, fará o encaminhamento da participante. Os benefícios para os participantes poderão decorrer da disponibilidade de escuta oferecida pela pesquisadora e pela reflexão oportunizada no momento da realização das entrevistas e dos grupos focais. Todo material desta pesquisa será mantido em sigilo no Departamento de Psicologia da UFSM, sendo destruído após cinco anos da realização das entrevistas.

Agradecemos a colaboração das participantes na realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora orientadora do projeto, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Dorian Mônica Arpini, que pode ser contatada pelo telefone: (55) 3220-9304, e a pesquisadora Edinara Zanatta pelo fone (55) 81355340. Os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM são: Av. Roraima, 1000 – Prédio da Reitoria – 7º andar – sala 702 – Camobi – Santa Maria – telefone (55) 3220-9362.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Participante

---

Responsável do Projeto

---

Responsável do Projeto

## APÊNDICE D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Pesquisa:** As transformações na relação mãe-filha com a chegada de um bebê: o ponto de vista da avó materna.

**Pesquisador responsável:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dorian Mônica Arpini; Edinara Zanatta

**Instituição/Departamento:** UFSM/Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Telefone para contato:** (55) 3220-9304

**Local da coleta de dados:** Unidade Sanitária Kennedy, Santa Maria/RS.

As pesquisadoras do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade das participantes, cujos dados serão coletados através de entrevistas semidirigidas e grupos focais, sendo que ambos serão gravados em áudio. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução desta pesquisa. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Psicologia, sala número 3208, por um período de cinco anos sob a responsabilidade do Prof.(a) Pesquisador (a) Dorian Mônica Arpini. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ...../...../....., com o número do CAAE .....

Santa Maria, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Dorian Mônica Arpini  
Professora Associada do Departamento de Psicologia da UFSM

---

Edinara Zanatta  
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSM



## ANEXOS

## ANEXO A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



*Prefeitura Municipal de Santa Maria*  
*Secretaria de Município da saúde*  
*Núcleo de Educação Permanente*  
 e-mail: nepessantamaria@gmail.com – Fone (55) 3921-7201

## AUTORIZAÇÃO

Vimos por meio deste informar que o projeto de mestrado intitulado “A percepção de avós maternas acerca da relação mãe e filha no momento em que a filha vivencia a primeira experiência de maternidade” de autoria da acadêmica Edinara Zanatta , vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde/UFSM , poderá ser desenvolvido junto a rede de saúde pública do Município de Santa Maria-RS, mediante aprovação prévia do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos – CEP da referida Instituição.

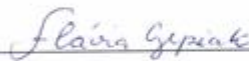
O projeto de pesquisa tem por objetivo compreender a percepção das avós maternas acerca da relação mãe e filha no momento em que a filha está vivenciando a maternidade pela primeira vez.

Os sujeitos de estudo serão convidados por telefone a fim de realizar o convite para a participação na pesquisa , que será realizada nas dependências da UBS Kennedy.

**Ressaltamos que a coleta de dados somente poderá ser iniciada mediante apresentação do documento fornecido pelo CEP.**

Na certeza de compartilharmos interesses comuns. Sendo o que tínhamos para o momento.

Santa Maria, 29 de agosto de 2014.

  
 \_\_\_\_\_  
 p/ Sociólogo Rodrigo Silva Jardim  
 Núcleo de Educação Permanente da Saúde  
 Secretaria de Município da Saúde de Santa Maria

## AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA  
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA SAÚDE  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE  
e-mail: nepessantamaria@gmail.com – Fone (55) 3921-7201

OFÍCIO N°. 304/2014/SMS/NEPeS

Santa Maria, 29 de agosto de 2014.

Vimos por meio deste informar que o Projeto de mestrado, sob o título "**A percepção de avós maternas acerca da relação mãe e filha no momento em que vivência a primeira experiência de maternidade**", poderá ser desenvolvido pela acadêmica **Edinara Zanatta** do Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós – Graduação em Psicologia.

Na certeza de compartilharmos interesses comuns, desde já agradecemos.

Núcleo de Educação Permanente